

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

LEONARDO RODRIGUES DOS SANTOS

FROM FARM TO TABLE: MERCADO MUNICIPAL E FAZENDA URBANA, UMA
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO SUSTENTÁVEL DO CENTRO HISTÓRICO DE
BAURU

BAURU
2022

LEONARDO RODRIGUES DOS SANTOS

FROM FARM TO TABLE: MERCADO MUNICIPAL E FAZENDA URBANA, UMA
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO SUSTENTÁVEL DO CENTRO HISTÓRICO DE
BAURU

Trabalho Final de Graduação apresentado
ao Centro de Ciências Exatas e Sociais
aplicadas do Centro Universitário Sagrado
Coração, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo, sob orientação
da Prof.^a M.^a Lilian Massumie Nakashima.

BAURU
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

S237f

Santos, Leonardo Rodrigues dos

From farm to table: mercado municipal e fazenda urbana, uma proposta de reabilitação sustentável do centro histórico de Bauru / Leonardo Rodrigues dos Santos. -- 2022.

105f. : il.

Orientadora: Prof.^a M.^a Lilian Massumie Nakashima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Agricultura Urbana. 2. Espaço Público. 3. Centro Histórico. 4. Fazenda Vertical. 5. Mercado Municipal. I. Nakashima, Lilian Masumie. II. Título.

LEONARDO RODRIGUES DOS SANTOS

FROM FARM TO TABLE: MERCADO MUNICIPAL E FAZENDA URBANA, UMA
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO SUSTENTÁVEL DO CENTRO HISTÓRICO DE
BAURU

Trabalho Final de Graduação apresentado
ao Centro de Ciências Exatas e Sociais
aplicadas do Centro Universitário Sagrado
Coração, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da
Prof.^a M.^a Lilian Massumie Nakashima.

Aprovado em: 08/12/2022.

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Lilian Massumie Nakashima
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a M.^a Tatiana Ribeiro de Carvalho
Centro Universitário Sagrado Coração

Marcos Vinicius Caracho
Arquiteto e Urbanista Convidado

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às políticas públicas de inclusão social nas universidades públicas e privadas do Brasil e todas as pessoas envolvidas na árdua luta da sua implementação e de seu mantimento durante os anos, que me proporcionaram acesso a um ensino superior de qualidade e conseqüentemente o diploma de Arquiteto e Urbanista.

À minha mãe, que apesar de toda dificuldade, batalhou muito e conseguiu criar seus filhos de forma digna e saudável, dando todo o apoio e incentivo fundamentais para minha formação pessoal e acadêmica. A você, devo todo meu respeito, orgulho e admiração.

Ao longo da minha formação, sempre tive grandes mestres incrivelmente competentes que me auxiliaram com toda a paciência de forma imensurável, dentro e fora da academia. Entre eles, em especial ao meu grande amigo pessoal e professor Fabrício Mesquita Aro (in memoriam), que sempre prezou pelo ensino de qualidade da arquitetura e do cinema com seu olhar singular e especial até seus últimos momentos de vida, formando alunos a terem o pensamento crítico inerente à profissão; ao arquiteto Marcos Caracho, que me proporcionou um olhar diferenciado ao pensar a arquitetura, o design e até a música brasileira, serei eternamente grato a você e a toda a equipe do escritório, lembrarei para sempre com carinho nossos momentos juntos; à arquiteta Dra. Artemis Fontana, a quem sou profundamente grato por ter me propiciado de certa forma a independência financeira em meus primeiros momentos no mercado de trabalho, pelo ensino muitas vezes crítico e necessário à produção de um desenho técnico de qualidade e também pela confiança constante em meu trabalho, que só contribui com minha evolução ao passar dos anos, você tem todo o meu apreço, que nossa parceria se mantenha anos a fio; e finalmente ao arquiteto Mário Lauris, pela confiança e da liberdade criativa no escritório, sempre com pé no chão mas confiando desde o primeiro momento em minha capacidade, obrigado pelos momentos descontraídos que passamos diariamente juntos.

À minha parceira Camilla Duchatsch, que sempre acreditou e apoiou a minha carreira profissional e jornada acadêmica de formas que não seriam possíveis serem expressadas apenas nesse breve texto. Obrigado por todo o incentivo, por aguentar as crises de estresse e ansiedade, por toda a ajuda e fonte de apoio inesgotável

durante a elaboração deste trabalho e de diversos outros projetos. Esta é mais uma de muitas conquistas que já realizei e ainda vou realizar ao seu lado.

Aos meus amigos pessoais João Cortez, Nathalia Sanches, Hugo Dellasta, Júlia Comin, Marina Leal e a todos os outros que fariam desta uma imensa lista. Vocês ajudaram a tornar a trajetória da conclusão deste trabalho mais divertida e descontraída, meu sentimento é de gratidão por ter vocês no meu dia a dia. Cabe aqui um agradecimento especial ao Dener Stassun, que pessoalmente dedicou tempo e atenção ao suporte da elaboração deste trabalho, a você dedico meu eterno agradecimento.

“Para a arquitetura não existe a ideia de espaço privado. O único espaço privado é a nossa mente.”

Paulo Mendes da Rocha

RESUMO

Pautado na dicotomia da relação entre o público e privado no âmbito urbano, o trabalho tem como finalidade a elaboração de uma proposta arquitetônica para um Mercado Municipal Público dotado de fazenda urbana no centro histórico de Bauru, com destaque para a reaproximação dos habitantes não apenas para o centro histórico e região ferroviária, tão importante no contexto histórico da cidade, mas também ao produtor agrícola e ao próprio cultivo, por meio da atividade e difusão da agricultura urbana. Para a compreensão do local de implantação da proposta projetual, foram realizados estudos com base na consulta de fontes bibliográficas, através de artigos científicos, teses acadêmicas de graduação, mestrado e doutorado, livros e meios digitais, assim como também visitas *in loco*. Com base nas análises obtidas e reflexões acerca do tema, a proposta projetual desenvolve um programa de necessidades levando em conta aspectos sustentáveis, de acessibilidade, adequada manipulação e armazenamento dos produtos comercializados, com ampla oferta de alimentos de produtores locais, e também de alimentos cultivados no local por meio da agricultura urbana. O objetivo da implantação desse equipamento urbano é não apenas fomentar a economia local, mas também envolver a sociedade em uma relação de troca de experiências e culturas, criando uma relação identitária para com seu centro histórico.

Palavras-chave: Agricultura Urbana. Áreas Centrais. Arquitetura. Bauru. Centro Histórico. Fazenda Vertical. Espaço Público. Mercado Municipal.

ABSTRACT

Based on the dichotomy of the relationship between the public and the private in the cities, this work has the purpose of elaborating an architectural proposal that makes possible the integration of a public equipment in the historic center of Bauru, with emphasis on the rapprochement of the inhabitants not only to the historic center and railway region, so important in the historical context of the city, but also to the agricultural producer and the cultivation itself, through urban agricultural activity and education. For the proper understanding of the place of implantation to carry out the project proposal, studies were carried out based on the consultation of bibliographic sources through scientific articles, academic undergraduate, master's and doctoral theses, books and digital media, as well as on-site visits. Based on the analyzes obtained and reflections on the theme presented, the project proposal will develop a program of needs based on sustainable aspects, accessibility, adequate handling and storage of marketed products, with a wide supply of food from local producers, as well as food grown locally through urban agriculture. The objective of implementing this urban equipment is not only to promote the local economy, but also to involve society in a relationship of exchange of experiences and cultures, creating an identity relationship with its historic center.

Keywords: Architecture. Bauru. Central Areas. Historic center. Municipal market. Public place. Urban Agriculture. Vertical Farm.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planta da Ágora de Prienne.....	22
Figura 2 - Desenho da vista aérea dos Pavilhões do Mercado Público de Les Halles em 1863	24
Figura 3 - Planta com pátio interno aberto do Mercado Municipal da Candelária	25
Figura 4 - Fachada do Mercado Municipal da Candelária	25
Figura 5 - Mercado Municipal de São Carlos em 1907	26
Figura 6 - Mercado Público de Belém.....	26
Figura 7 - Painel ilustrativo supermercado x mercado	27
Figura 8 - Fazenda urbana horizontal da BeGreen em Belo Horizonte.....	30
Figura 9 - Fazenda urbana vertical da AeroFarms na Califórnia	30
Figura 10 - Localização do projeto Praça - Mercado Municipal de Famalicão.....	32
Figura 11 - Projeto original - Mercado Municipal de Famalicão.....	33
Figura 12 - Elevação em prancha do projeto original.....	34
Figura 13 - Vista externa da estrutura metálica vazada.....	35
Figura 14 - Vista interna da estrutura metálica vazada.....	35
Figura 15 - Planta da nova proposta em relação à original.....	36
Figura 16 - Localização do projeto do Mercado Municipal Ponte de Lima.....	37
Figura 17 - Localização do projeto do Mercado Municipal Ponte de Lima.....	37
Figura 18 - Vista aérea do projeto original do mercado	38
Figura 19 - Vista da fachada do projeto original do mercado.....	39
Figura 20 - Vista externa do novo edifício do mercado	40
Figura 21 - Detalhe técnico das escadas retráteis.....	41
Figura 22 - Demonstração do funcionamento das escadas retráteis.....	41
Figura 23 - Vista interna do novo edifício do mercado	42
Figura 24 - Localização do Mercado de Tainan Xinhua.....	43
Figura 25 - Perspectiva 3D da cobertura ondulante	44
Figura 26 - Vista da fachada a nível do pedestre.....	45
Figura 27 - Localização da sede da Pasona Group.....	46
Figura 28 - Planta dos setores do pavimento tipo do escritório	47
Figura 29 - Trepadeiras de tomate suspensas nas salas de reuniões	47
Figura 30 - Detalhe das jardineiras nas varandas.....	48
Figura 31 - Fachada externa do escritório.....	49
Figura 32 - Luminárias de teto instaladas no alinhamento inferior das vigas.....	49

Figura 33 - Campo de arrozal e brócolis no saguão do escritório	50
Figura 34 - Fachada do Mercado Municipal de Campinas	52
Figura 35 - Parada de ônibus em frente ao Mercado	53
Figura 36 - Iluminação natural em forma de janelas altas e vitrais	53
Figura 37 - Iluminação natural em claraboias	54
Figura 38 - Localização de Bauru no estado de São Paulo	55
Figura 39 - Rua Araújo Leite no começo do século XX	57
Figura 40 - Entroncamento ferroviário no mapa de Bauru dos dias atuais	58
Figura 41 - Estação da Sorocabana em 1906	59
Figura 42 - Estação da Sorocabana em 2017	59
Figura 43 - Estação da Noroeste com a Avenida Rodrigues Alves em 1960	60
Figura 44 - Estação da Noroeste em 2016	61
Figura 45 - Construção de estação da Noroeste em mata fechada	61
Figura 46 - Estação "provisória" da Companhia Paulista em 1915	62
Figura 47 - Estação da Companhia Paulista em 2014	62
Figura 48 - Ocupação irregular na antiga vila de funcionários da ferrovia	63
Figura 49 - Rio Bauru na Avenida Nuno de Assis, área com queimadas e erosões no ano de 2003	64
Figura 50 - Feira livre realizada às quartas no Parque Vitória Régia	66
Figura 51 - Feira Livre da Avenida Nações Unidas em 1967	66
Figura 52 - Edifício do antigo Mercado Municipal de Bauru, já em funcionamento como Palácio dos esportes	67
Figura 53 - Atual Centro Cultural "Carlos Fernandes de Paiva"	67
Figura 54 - Fachada da proposta vencedora do concurso público	68
Figura 55 - Planta da proposta vencedora do concurso público	69
Figura 56 - Mapa da área de intervenção	71
Figura 57 - Mapa de uso e ocupação do solo	73
Figura 58 - Mapa de cheios e vazios	74
Figura 59 - Mapa de gabarito urbano	75
Figura 60 - Mapa de topografia	76
Figura 61 - Mapa de vegetação	77
Figura 62 - Folhas e vagens da espécie invasora Leucena	78
Figura 63 - Mapa de hierarquia de fluxos e acessos	80
Figura 64 - Implantação e cortes	81
Figura 65 - Planta nível intermediário, nível térreo 2 e pav. superior	82

Figura 666 - Tabela de paisagismo e simbologia.....	83
Figura 67 - Volumetria 1 do macrozoneamento	84
Figura 68 - Volumetria 2 do macrozoneamento	84
Figura 69 - Volumetria 3 do macrozoneamento	85
Figura 70 – Implantação geral e pav. térreo 1 do anteprojeto (sem escala)	87
Figura 71 – Plantas do pavimento térreo 1, pavimento intermediário, pavimento térreo 2 pavimento superior e cobertura (sem escala).....	90
Figura 72 – Espécies de vegetação trabalhadas na implantação	91
Figura 73 – Programa de necessidades	92
<i>Figura 74 - Cortes A, B, C, D e E (sem escala).....</i>	<i>93</i>
Figura 75 – Ampliação do corte A (sem escala).....	94
Figura 76 – Ampliação do corte D (sem escala)	95
Figura 77 – Detalhes 1, 2 e 3 (sem escala)	96
Figura 78 – Vista do Mercado Municipal subindo a Avenida Pedro de Toledo (nível 513.00).....	96
Figura 79 – Vista do Mercado Municipal da Avenida Pedro de Toledo (nível 513.00)	97
Figura 80 – Vista do mercado municipal sentido NOB (nível 513.00)	97
Figura 81 – Vista 1 do calçadão do Mercado Municipal (nível 513.00)	98
Figura 82 – Vista 2 do calçadão do Mercado Municipal (nível 513.00)	98
Figura 83 – Vista de uma das entradas para o Mercado Municipal (nível 513.00).....	99
Figura 84 – Vista da Fazenda Urbana e Estufa Comunitária (nível 505.00)	99
Figura 85 – Vista da Fazenda Urbana e Horta Comunitária	100
Figura 86 – Vista da Fazenda Urbana pelo Parque Urbano anexo (nível 505.00)	100
Figura 87 – Vista do “Boulevard” de restaurantes, sorveterias, bares e restaurantes do Parque Urbano (nível 508.00)	101
Figura 88 – Vista do deck de contemplação do Rio Bauru.....	101
Figura 89 – Vista do Parque Urbano para a Fazenda Urbana e Mercado Municipal.....	102

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	JUSTIFICATIVA.....	16
1.2	OBJETIVOS.....	17
1.2.1	Objetivo geral	17
1.2.2	Objetivos específicos	17
1.3	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	18
2	REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1	REVITALIZAÇÃO URBANA E GENTRIFICAÇÃO.....	19
2.2	ESPAÇOS PÚBLICOS.....	20
2.3	MERCADOS PÚBLICOS: BREVE HISTÓRICO.....	21
2.3.1	Os primeiros mercados públicos no Brasil	24
2.4	A RELAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO E DO MERCADO PRIVADO NA ATUALIDADE.....	27
2.5	FAZENDAS URBANAS.....	29
3	ESTUDO DE OBRAS CORRELATAS	31
3.1	PRAÇA FAMALICÃO – MERCADO MUNICIPAL DE FAMALICÃO.....	32
3.2	MERCADO MUNICIPAL PONTE DE LIMA.....	36
3.3	MERCADO ATACADISTA DE FRUTAS E VEGETAIS DE TAINAN XINHUA.....	42
3.4	FAZENDA VERTICAL NA SEDE DA EMPRESA PASONA GROUP.....	45
4	VISITA TÉCNICA	51
4.1	MERCADO MUNICIPAL DE CAMPINAS.....	51
5	CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA – O MUNICÍPIO DE BAURU	54
5.1	DADOS MUNICIPAIS.....	54
5.2	ECONOMIA.....	56
5.3	A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO.....	57
5.4	O PAPEL DA FERROVIA NO DESENVOLVIMENTO DE BAURU.....	57
5.5	O RIO BAURU.....	64

5.6	PROPOSTAS DE MERCADO MUNICIPAL E A FEIRA LIVRE NO MUNICÍPIO.....	65
6	ESTUDO PRELIMINAR E LEVANTAMENTOS	70
6.1	ÁREA DE INTERVENÇÃO	70
6.1.1	Zoneamento.....	72
6.1.2	Análise do uso e ocupação do solo	72
6.1.3	Análise de cheios e vazios.....	73
6.1.4	Análise de gabarito urbano	74
6.1.5	Análise de topografia.....	76
6.1.6	Análise de vegetação.....	77
6.1.7	Análise de hierarquia de fluxos e acessos.....	79
7	PROPOSTA PROJETUAL: MACROZONEAMENTO	81
7.1	IMPLANTAÇÃO DO MACROZONEAMENTO	81
7.2	CORTES DO MACROZONEAMENTO	82
8	PROPOSTA PROJETUAL: ANTEPROJETO	85
8.1	CONCEITO E PARTIDO.....	85
8.1.1	Conceito.....	85
8.1.2	Partido.....	86
8.2	IMPLANTAÇÃO	86
8.2.1	Pavimento térreo 1, pavimento intermediário, pavimento térreo 2 e pavimento superior.....	88
8.2.2	Paisagismo	91
8.2.3	Programa de necessidades.....	92
8.3	CORTES E DETALHAMENTO	93
8.4	VOLUMETRIA.....	96
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

O aprimoramento da agricultura como forma de subsistência permitiu que a produção dos mantimentos excedentes fosse comercializada, produzindo assim as primeiras relações de trocas comerciais. Segundo Silva (2007), nos primórdios das relações de troca, o encontro entre os interessados era necessário para a realização da troca, mas não necessariamente em um local edificado, mas sim em um local que pudesse ser um campo “neutro” para ambas as partes, normalmente aos olhos de outras testemunhas. Com a expansão dos centros urbanos, o local da troca assume locais específicos para tal, que posteriormente se desenvolvem para os mercados públicos e feiras livres da forma como conhecemos hoje.

O mercado público tem por essência a função de democratizar o espaço, pois é um local plural no aspecto da sociabilidade, da cultura, da troca de vivências, dos cheiros e barulhos que vão além do ato isolado da compra e venda, sendo capaz de criar uma relação identitária do local para com seus usuários, permitindo o contato entre diferentes classes sociais e credos, o assegurando como uma expressão para além do consumo capitalista.

Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de revitalizar o centro histórico por meio do projeto de um Mercado Municipal público, tornando-o um espaço mais atrativo para a população em horários diversos, criando segurança em todos os períodos do dia e fomentando a economia local e regional.

1.1 JUSTIFICATIVA

A implantação de um Mercado Público Municipal foi impulsionada pela necessidade de revitalização do Centro Histórico de Bauru, que atualmente encontra um êxodo de atividades e variedades de comércios, fato esse justificado pela ampla adesão dos consumidores de shopping centers e grandes redes de supermercado em locais distantes, que torna o centro um local sem muitos atrativos e pouca segurança no período noturno, já que a maioria das lojas funciona apenas em horário comercial.

A cidade, que teve seu desenvolvimento estimulado graças à implantação das ferrovias, hoje vê aquelas instalações em estado de abandono, sem qualquer tipo de conservação. A implantação de um equipamento urbano de comercial de grande porte nos arredores das instalações resgatará não apenas a história da cidade como

também valorizará a região, reafirmando a urgência de novos usos a esses edifícios históricos e aumentando a segurança no período noturno, dado o maior fluxo de pessoas.

A área delimitada para a implantação da proposta se encontra em um fundo de vale nos arredores da estação da Noroeste e entroncamento das companhias ferroviárias. Optou-se pela escolha deste local por ser um vazio urbano em processo de degradação, que segrega a conexão entre os bairros da Vila Falcão e Jardim Bela Vista em relação ao Centro. A localização privilegiada no centro histórico da cidade permite o acesso viário e pedonal de seus usuários de qualquer classe social de forma extremamente facilitada.

A reaproximação dos habitantes da cidade para sua região central é meta principal, assim como reaproximação com um comércio mais descentralizado e com maior contato com o produtor, em alternativa ao monopólio das grandes redes de supermercado, que suprime os pequenos e médios produtores locais.

1.2 OBJETIVOS

A fim de direcionar o estudo e a proposta de intervenção projetual deste trabalho, foi especificado o objetivo geral e os específicos a serem esquadrihados no trabalho de pesquisa.

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste projeto é elaborar uma proposta arquitetônica de um Mercado Municipal para a cidade de Bauru, implantado em um vazio urbano localizado próximo do entroncamento ferroviários e no entorno da Antiga Estação Ferroviária da Companhia Noroeste.

1.2.2 Objetivos específicos

- 1) Levantar o material de pesquisa bibliográfica sobre os temas abordados no decorrer do trabalho;
- 2) Compreender o conceito de espaço público e privado e sua relação com a cidade e seu centro histórico;

- 3) Apresentar o histórico e o conceito da troca de produtos, assim como a história e tipologia dos mercados, no Brasil e no mundo;
- 4) Estabelecer conceitos de revitalização urbana e a consequência da gentrificação;
- 5) Expor a importância das fazendas urbanas verticais como alternativa sustentável;
- 6) Avaliar obras correlatas aos mercados públicos nacionais e internacionais;
- 7) Analisar e levantar dados sobre a história do município, com enfoque no entorno da área de implantação;
- 8) Desenvolver uma proposta projetual de caráter funcional público, cultural e de lazer, buscando uma reaproximação dos habitantes para com a área central da cidade, com projeto e escala adequados para abrigar o Mercado Municipal na cidade de Bauru.

1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para possibilitar o desenvolvimento deste trabalho, a fundamentação teórica de pesquisa para sua estruturação foi baseada na pesquisa bibliográfica, através de artigos científicos, teses acadêmicas de graduação, mestrado e doutorado, livros, documentos e meios digitais; também foram realizadas coletas de material iconográfico, como jornais, fotografias antigas, arquivos históricos e plantas.

Para um maior entendimento sobre tipologias e experiência com projetos de mesma temática com seus pontos positivos e negativos, foram elaboradas análises de obras correlatas, com contextos urbanos e métodos construtivos de certa forma relacionados com a propostas projetual deste trabalho.

Por meio da coleta de dados bibliográficos e levantamento *in loco* pelo método *walkthrough*, foi realizada a identificação das características do local, através da análise do uso e da ocupação do solo, da identificação de cheios e vazios, do gabarito urbano, da topografia, vegetação existente e de seus fluxos e acessos, permitindo a elaboração de mapas que auxiliaram no entendimento do contexto urbano no qual a área está inserida.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, são abordados conceitos de troca, ato que advém antes mesmo da ideia de um local de troca comercial, seja ele edificado ou não. Em seguida, é exposto a linearidade histórica do conceito de mercado, alinhado com sua evolução em relação a avanços construtivos e algumas de suas tipologias. Leva em consideração o histórico no Brasil, e analisa como se dá a relação entre o mercado público e o mercado privado na atualidade. Posteriormente, esquadrinha o conceito de espaço público e sua relação com a cidade, buscando estabelecer conceitos de revitalização urbana e a consequência da gentrificação, dada a localização do projeto de intervenção. Em um último momento, se analisa os conceitos e importância das fazendas urbanas nas cidades contemporâneas.

2.1 REVITALIZAÇÃO URBANA E GENTRIFICAÇÃO

Cada vez mais, as cidades começam a voltar novamente a atenção para seus centros históricos, buscando recuperar a “descentralidade” que ocorreu ao longo da sua expansão. Um dos pontos que fazem os antigos centros locais relevantes são suas atividades econômicas e infraestruturas de lazer, cultura e atividades terciárias.

A expansão das cidades ocasiona a diluição do centro histórico pela formação de “subcentros”, que criam concorrência com o centro principal, ocasionando na maioria das vezes a sua deterioração e degradação (CASTILHO; VARGAS, 2006).

Castilho e Vargas (2006) expõem que a criação de outros centros acaba gerando um êxodo das atividades mais “nobres” e também de locais de grande fluxo, como instituições públicas e financeiras, que acabam sendo substituídas por atividades e empreendimentos de menor rentabilidade, informais e até ilegais, praticadas por usuários com baixo poder aquisitivo; recuperar o centro histórico significa:

[...] melhorar a imagem da cidade que, ao perpetuar sua história, cria um espírito de comunidade e pertencimento. Significa também promover a reutilização de seus edifícios e a consequente valorização do patrimônio construído; otimizar o uso da infraestrutura estabelecida; dinamizar o comércio com o qual tem uma relação de origem; gerar novos empregos. Em suma, implementar ações em busca da atração de investimentos, de moradores, de usuários e de turistas que dinamizem a economia urbana e contribuam para a melhoria da qualidade de vida, valorizando também a gestão urbana que executa a intervenção. (CASTILHO; VARGAS, 2006)

As propostas de revitalização e requalificação de centros históricos normalmente são acompanhadas do conceito de gentrificação, que segundo Janot (2014), significa o “enobrecimento” de áreas degradadas.

Para Alcântara (2018), os “gentrificadores” mudam-se gradualmente para esses locais revitalizados, seja pela arquitetura, pela infraestrutura, região privilegiada, baixo custo em relação a outros locais e equipamentos históricos e culturais. Ainda segundo o autor (2018), a concentração desses novos moradores com renda normalmente elevada cria uma valorização econômica na região, fazendo com que o valor do mercado imobiliário e os custos de vida locais se elevem, causando a expulsão forçada dos antigos moradores e comerciantes, que geralmente são associados com classes de menor poder aquisitivo, com menor possibilidade de mobilidade no território urbano, sendo muitas vezes também comunidades operárias ou de imigrantes para locais periféricos aos centros, reduzindo a diversidade social no local.

Em uma passagem sobre o fenômeno da gentrificação e do deslocamento social causado por ela, Francisco de Oliveira (2000) conceitua:

Tiraram-se os pobres, mendigos, prostitutas, bares de má-fama com seus rufiões, botecos sujos e tristes, pensões baratas com suas fileiras de redes, substituídos por maquiagens do que se considera, então, ‘os velhos bons tempos’. Esvazia-se a história de quem viveu lá; em lugar da memória, o esquecimento. Trata-se de operações de elevação da renda da terra urbana, vale dizer, de uma acumulação primitiva pela via do investimento público. Outra vez, privatizou-se o público, mas não se publicizou o privado: sobe a renda da terra e a parcela dos novos proprietários no excedente social, e decresce a parcela de todos os ‘sem’. Nenhum critério que publicize o lucro, no sentido de introduzir nele o conflito. A justificativa está sempre à mão: novos empregos, aumento da renda, da segurança, da convivialidade. Entre iguais. E distância dos desiguais (OLIVEIRA, p. 24, 2001).

2.2 ESPAÇOS PÚBLICOS

Espaço público ou espaço do público? Com uma extensa gama de significados e percepções pessoais, o espaço público é o espaço por excelência da urbe, sendo erroneamente comparado e confundido apenas com espaços verdes, equipamentos ou sistemas viários.

Para Narciso (2008), a cidade só é conhecida pelo seu espaço público, seja pelo seu aspecto físico, político, ideológico, social ou até estrutural, podendo também ser caracterizado como fator de identificação, criando conotação entre lugares e

símbolos urbanos, mas também justifica que é um “lugar da palavra, da socialização, do encontro e também onde se manifestam grupos sociais, políticos que a população da cidade exprime”, sendo fonte de “forte representação pessoal, cultural e social, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade.”

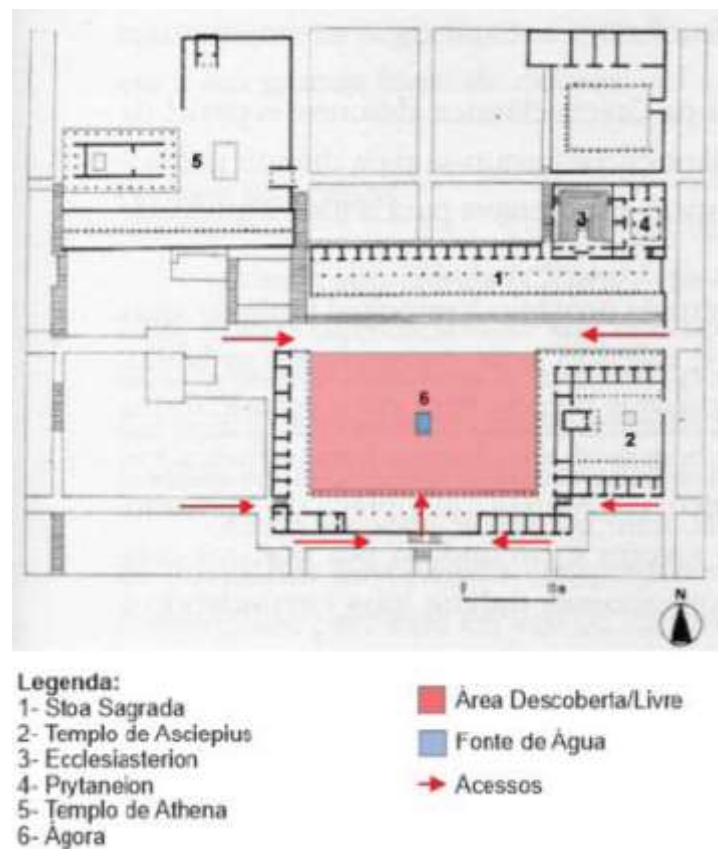
2.3 MERCADOS PÚBLICOS: BREVE HISTÓRICO

O ato da troca se torna possível quando a produção de itens de necessidades básicas e alimentos ultrapassam o necessário para a sobrevivência individual ou familiar, sendo esse excedente o que permite o intercâmbio desses itens. A troca não é apenas uma relação natural, mas principalmente social, já que essa tendência de se formar uma espécie de contrato e de troca é exclusiva da humanidade, não sendo vista em nenhuma outra espécie no planeta (FREIRE, 2010).

Analisando o conceito de mercado público e troca, Silva (2007) expõe sua visão sobre o encontro necessário para efetivar a troca: o local do mercado era o lugar onde as trocas podiam acontecer em campo neutro, sob o olhar de outros. Sendo assim, o conceito de mercado “público”, não está diretamente ligado ao Poder Público, e sim ao local com um alto fluxo de pessoas, que também abriga outras atividades para além do comércio de troca, como atividades cívicas, políticas e religiosas.

Na história das cidades, a configuração do local pré-estabelecido para o mercado repercutia de formas diversas no traçado urbano e era utilizado de diversas maneiras segundo as civilizações ali presentes. Não necessariamente estava ligado ou relacionado a uma construção ou edifício mono funcional como no caso dos fóruns romanos, dos bazares árabes e das ágoras gregas (SILVA, 2017), que estavam por exemplo próximos importantes para a cultura grega, possuindo locais de acesso diversos para reforçar a sua ideia de ponto urbano central de encontro e importância (SOBRINHO, 2018), como pode-se ver na Figura 1.

Figura 1 - Planta da Ágora de Prienne



Fonte: Tayná Ribeiro Sobrinho (2018).

A revolução agrícola neolítica, a revolução urbana da Idade do Bronze e a revolução industrial da Inglaterra do século XVIII foram os três principais períodos de ruptura que caracterizam uma evolução no sentido de alterações nas ordens e territórios das cidades, cada qual com sua especificidade, culminando de forma geral no “aumento da população devido à diminuição da mortalidade; aumento dos bens e serviços produzidos pela agricultura, pela indústria e pelas atividades terciárias”, redistribuía-se os habitantes pelo território, além do “desenvolvimento dos meios de comunicação, tais como estradas, canais, estradas de ferro, navios a vapor.” (BENEVOLO, 2007 apud SILVA, 2017).

Segundo Silva (2017), este desenvolvimento traz a intensificação do mercado periódico, ou como comumente conhecido, as “feiras”. Estas não possuíam caráter permanente e aconteciam em praças e ruas diversas, pela facilidade de acesso pela população e pelo produtor. Não utilizado em um local, mas espalhados pela malha

urbana, que conseqüentemente abasteciam o cotidiano da cidade com uma grande diversidade de produtos alimentícios e manufaturados.

Para Souza (2015), no Brasil, a prática da feira livre advém do período colonial, sendo trazida pelos colonizadores portugueses. Ainda segundo o autor, as feiras livres foram responsáveis também pela maior facilidade de expansão no interior do país, pois centralizavam locais de vendas e permitiam o abastecimento da população com produtos diversos.

Com o iminente avanço tecnológico e crescimento, aliado à redistribuição populacional pelo território, novas formas de se racionalizar e valorizar o espaço e ambiente urbano foram colocadas em prática. Como forma de vencer as limitações por meio de um controle do ambiente construído, surge a necessidade de se renovar o conceito preexistente de mercados públicos (SILVA, 2017).

Vinculado a conceitos higienistas e a uma intenção de criar uma distinção clara entre público e privado, foi amplamente disseminado a tipologia de mercado coberto, que diminuía o congestionamento gerado pelo uso periódico das praças e ruas, favorecendo o Estado e seu papel regulatório no âmbito sanitário, das vendas, dos produtos e também dos próprios produtores (PINTAUDI, 2006).

Durante as transformações urbanas da Paris de Haussmann, o modelo de mercado público dos Les Halles (Figura 2) foi extremamente bem aceito e acabou sendo difundido em toda a Europa. Posteriormente o modelo foi copiado em todo o mundo, inclusive no Brasil. Para Murilha e Salgado (2011), o sucesso da tipologia se deu pela possibilidade do uso do ferro na construção, um tipo que pode se reproduzir inúmeras vezes a mesma forma, a partir da produção em série das peças e que resulta em uma economia no resultado final.

Figura 2 - Desenho da vista aérea dos Pavilhões do Mercado Público de Les Halles em 1863



Fonte: Douglas Murilha e Ivone Salgado (2011).

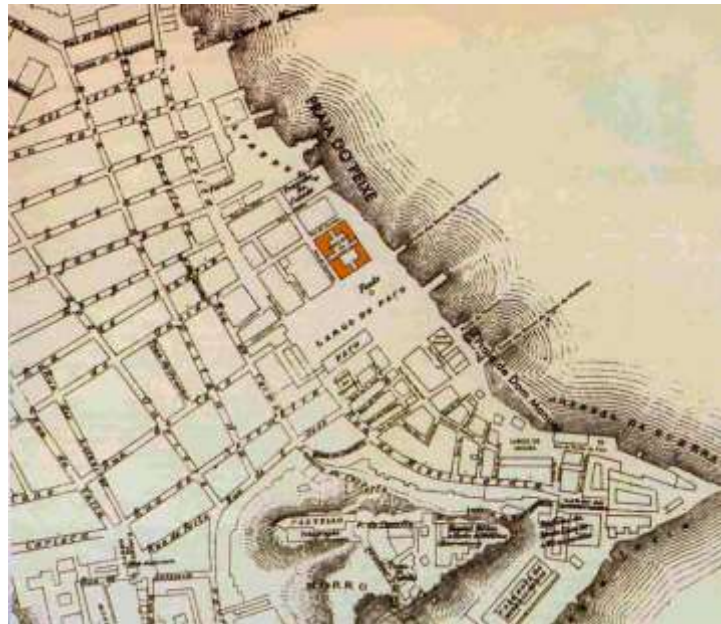
2.3.1 Os primeiros mercados públicos no Brasil

Sob grande influência da tipologia de mercado europeu, cria-se uma política favorável à construção dos mercados públicos no Brasil do século XIX, na contramão do que era considerada tendência no momento pelas facilidades construtivas provenientes da industrialização e produção em série de peças metálicas na construção civil. O país, até então desindustrializado, opta pela construção de exemplares em alvenaria, e apenas em 1875 é construído o primeiro exemplar em ferro, o Mercado de São José, em Recife.

De acordo com Murilha e Salgado (2011), os primeiros exemplares de mercado municipal em alvenaria no país seguiam o modelo de “mercado fechado com pátio interno aberto”; as plantas eram simétricas de forma quadrada e retangular, com um pátio interno descoberto, composto de arcadas nas laterais, como no exemplo do Mercado Municipal da Candelária, no Rio de Janeiro (Figura 3 e 4), construído em 1841 e copiado em diversos locais do país na época.

O sistema construtivo em alvenaria favorecia este modelo de mercado fechado com pátio interno, tendo em vista que sua estrutura não preserva grandes vãos para criar um amplo espaço central aberto. Os produtores e vendedores usavam suas próprias estruturas de tendas, que eram recolhidas no final de cada dia de trabalho.

Figura 3 - Planta com pátio interno aberto do Mercado Municipal da Candelária



Fonte: Blog Saudades do Rio (2020).

Figura 4 - Fachada do Mercado Municipal da Candelária



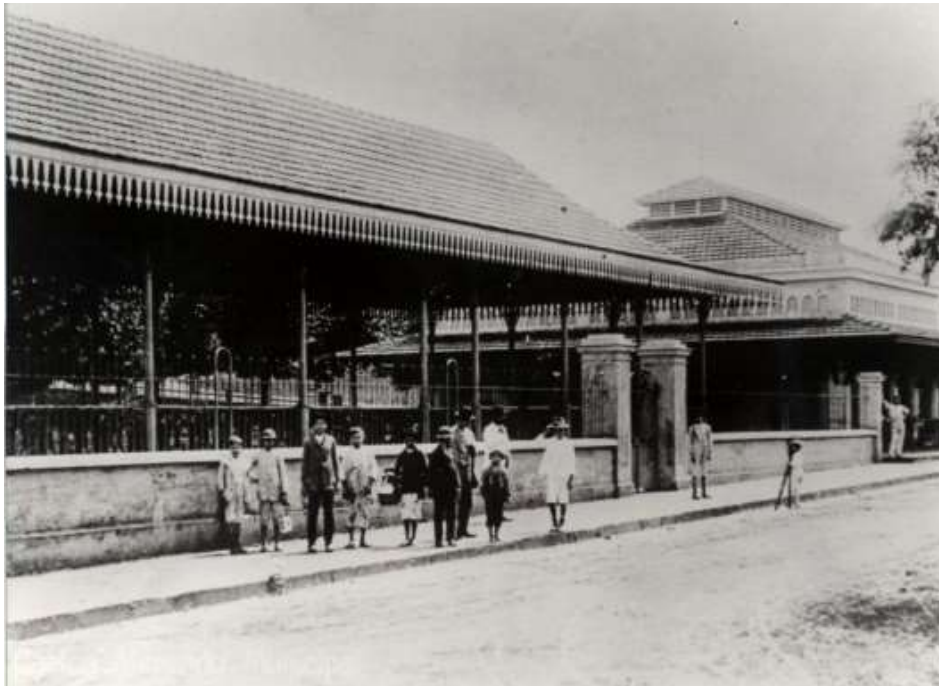
Fonte: Blog Saudades do Rio (2020).

No final do século XIX e começo do século XX, com a difusão de uso do ferro na construção, ainda que com as peças majoritariamente importadas, o modelo de “mercado coberto em estrutura de ferro dotado de lanternim” passa a ser difundido.

Utilizando como base o mercado Les Halles de Paris, esta tipologia foi extremamente utilizada no Brasil, principalmente nas cidades paulistas, ainda que em menor escala. De acordo com Murilha e Salgado (2011), o Mercado de São João e o Mercado Público de São Carlos (Figura 5) são os maiores exemplos no estado,

enquanto no restante do Brasil, cabe citar principalmente o Mercado Público de Belém (Figura 6).

Figura 5 - Mercado Municipal de São Carlos em 1907



Fonte: Douglas Murilha e Ivone Salgado (2011).

Figura 6 - Mercado Público de Belém



Fonte: Douglas Murilha e Ivone Salgado (2011).

2.4 A RELAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO E DO MERCADO PRIVADO NA ATUALIDADE

A alteração da paisagem urbana das metrópoles no final do século XX, torna visível a crise social e urbana, a insegurança, a violência e a degradação do espaço, A população alienada pelas premissas do capitalismo concebeu um estigma e uma percepção sobre os espaços públicos e os espaços privados (RIBEIRO, 2005).

O privado se define pelos “espaços privativos ‘exclusivos’, como condomínios fechados, shopping centers e clubes prives”, enquanto o espaço público, se caracteriza pela “degradação, medo e violência”. Esse pré-conceito impulsionou novas formas de comércio, como os supermercados e os shopping centers, espaços privados que, de forma velada, ameaçam o uso e a conservação dos centros urbanos históricos e dos mercados públicos (LOPES; VASCONCELLOS, 2010). Podemos ver uma comparação exemplificada no painel ilustrativo da Figura 7.

Figura 7 - Painel ilustrativo supermercado x mercado



Fonte: Barbosa (2016).

Os espaços privados de compra podem ser caracterizados como “públicos, mas não civis”, pois a proximidade física é evitada ao máximo; são despídos de

diálogo e interação (BAUMAN, 2001), e apenas as embalagens, publicidades e letreiros informativos tem voz nesses ambientes.

Trata-se da arquitetura do isolamento, caracterizada pela produção de simplórias construções em série, das quais não passam de "imensos pavilhões fechados sobre si mesmos, sem nenhum interesse arquitetônico", pois o grande interesse de seus empreendedores "é o de não desviar a atenção dos seus consumidores para fora do ato de consumo". (RENNÓ, 2006; VARGAS, 2001, p. 244 apud LOPES; VASCONCELLOS, 2010)

Para além da esfera social, os shoppings e os super/hiper mercados criam uma bolha imobiliária que afasta a vida dos centros históricos, situação essa perpetuada pela falta de atrativos, pela sensação de degradação do ambiente e pela falta de segurança urbana. A fuga das lojas locais e regionais exclusivamente para esses centros comerciais é uma forte tendência, que passam a atender apenas um público de classe média e alta com um poder aquisitivo específico Além de promover uma segregação de classes sociais, também não abre margem para um espaço democrático, visto que o acesso às suas dependências é controlado para evitar o ingresso de uma parte da população, menos favorecida.

Já no âmbito dos mercados públicos, para Freire (p. 180, 2018), desde a Antiguidade, conservam em sua essência muitos aspectos da história e modo de vida das cidades, representando também parte dos patrimônios e centros históricos locais.

Os locais determinados para as trocas mercantis eram também locais de encontro, de espetáculos e atividades, que transcendiam a atividade já predeterminada do ato da troca, e que, segundo Freire (2010, p.11) são também "lugares [...] repletos de nostalgia, cordialidade, sociabilidade, de singularidades, expressos em seus barulhos, nos cheiros, nos movimentos, nos ritmos, nas tradições, nos símbolos, tudo isso servindo de valores capazes de humanizar o cotidiano da metrópole, romper com o dia a dia pesado da cidade [...]", onde se trocam não apenas objetos de consumo, mas também costumes, valores e desejos.

A sociabilidade inerente aos mercados públicos, de acordo com Silva (2017), se materializa por exemplo no preparo de um alimento ou forma de se cozinhar que o comprador desconhecia: uma espécie de troca que não se atém apenas à troca de um objeto por um valor monetário, mas que o assegura também como expressão, não apenas no âmbito consumista, mas principalmente cultural.

Entre os benefícios da implantação de mercados públicos em um espaço central, é pertinente citar alguns fatores importantes, entre eles: a conexão entre

peças de todas as classes e credos, a oportunidade econômica descentralizada, a criação de espaços públicos ativos, a reestruturação do centro histórico e suas vizinhanças, a conexão entre a economia rural e a economia urbana e a promoção de saúde pública.

Portanto, por meio dessa breve análise, é possível concluir que é fundamental o desenvolvimento de um plano de intervenção capaz de trazer de volta a relevância dos mercados públicos e reaproximação das pessoas em relação à cidade.

2.5 FAZENDAS URBANAS

Com a tendência de uma agricultura mais sustentável em contraponto às metrópoles cada vez mais caóticas e poluídas, o conceito das fazendas urbanas verticais é cada vez mais atual, por facilitar o acesso a uma alimentação mais saudável e permitir o contato com produtos mais frescos.

Segundo Martins (2021), o conceito de fazenda urbana surgiu em 1999 com o professor da Universidade da Columbia em Nova York, Dickson Despommier. O conceito ganhou força a partir de 2010, principalmente nos países que lutavam com problemas de escassez de terras hábeis para o plantio e cultivo, tanto por falta de território com áreas rurais como é o caso do Japão, de Taiwan e Cingapura, ou por dificuldades climáticas, como é o caso do Canadá.

Essencialmente, as fazendas urbanas se tornam possíveis por meio de duas produções distintas, sendo elas a horizontal e a vertical. A produção pela forma horizontal (Figura 8) se caracteriza pelo método convencional de plantio, em que se utiliza o solo de vazios urbanos, estufas, coberturas de edifícios e espaços públicos e privados para o plantio, seja em ambientes abertos ou protegidos. A produção pela forma vertical (Figura 9) se dá pelo uso da sobreposição da produção na mesma área (LIMA; PACENTCHUK; SANDINI, 2019) por meio de técnicas de iluminação e plantio que intensificam a produção e diminuem o tempo de colheita. Não sofrem com ventos e limitantes climáticas e possibilitam redução do uso de agrotóxicos e de fertilizantes.

Figura 8 - Fazenda urbana horizontal da BeGreen em Belo Horizonte



Fonte: José Eduardo Camargo (2017).

Figura 9 - Fazenda urbana vertical da AeroFarms na Califórnia



Fonte: AeroFarms (2021).

Como justificativa para a adesão ao conceito de fazendas urbanas, Lucena (2016) expõe que, pelo método do plantio tradicional, atualmente o planeta necessitaria de mais áreas de terra, água e ar para o plantio, ultrapassando os limites existentes dessas reservas, o que levaria ao ecocídio eminente.

Ainda segundo Lucena (2016), a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que atualmente, com 7,5 bilhões de habitantes na terra, se utiliza cerca do território inteiro da América do Sul pelo mundo só em cultivo, e que se os níveis de cultivo dos dias de hoje se mantiverem até 2050, em um cenário em que 9,5 bilhões de pessoas habitarão o planeta, seria necessário mais um território das dimensões continentais do Brasil para suprir a demanda mundial de terras cultiváveis.

A produção urbana cria uma cadeia sustentável como um todo, pois permite um contato direto com o produtor, não demanda gastos energéticos com o transporte

dos produtos da área rural até a área urbana, diminui as perdas causadas pelo processo do transporte como o apodrecimento e infestação de pragas, e possibilita uma facilidade maior na promoção e adesão da população a cursos e *workshops* sobre agricultura e temas correlatos, já no local de produção. Em contrapartida ao imenso gasto energético proveniente das iluminações artificiais e sistemas de ventilação, é imprescindível supri-lo com a implementação de alternativas sustentáveis, como o reuso de águas pluviais e painéis fotovoltaicos.

3 ESTUDO DE OBRAS CORRELATAS

Como forma de embasar e aprimorar repertórios técnicos para a elaboração da proposta arquitetônica, foram levados em consideração projetos focados na requalificação de espaços, sejam eles urbanos ou arquitetônicos. Levando em consideração as características, localização, soluções projetuais, relação com entorno, usuários e funcionários, foram realizados quatro estudos de obras correlatas.

O primeiro foi o projeto da Praça Famalicão em Portugal, proposta de reabilitação do antigo mercado municipal da cidade de Famalicão, assinado pelo arquiteto português Rui Mendes Ribeiro, que ressignificou um espaço histórico defasado, buscando atrair novamente os olhares da população e torna-lo relevante como havia sido em outrora, criando uma supra estrutura que consegue valorizar o edifício histórico original.

O segundo foi o projeto do Mercado Municipal de Ponte de Lima, também em Portugal, assinado pelo escritório português Guedes Cruz Arquitectos, que buscou manter apenas parte do edifício histórico existente, reproduzindo algumas soluções arquitetônicas, como a utilização do embasamento do edifício para suprir o período de cheia do Rio Lima.

O terceiro estudo, assinado pelo escritório holandês MVRDV, o Mercado atacadista de frutas e vegetais de Tainan Xinhua na China, surge da necessidade de se criar um ambiente sustentável do ponto de vista social, ambiental e econômico, com soluções que vão desde sua localização próximas aos produtores locais, quanto facilidade de acesso de usuários por meio de conduções individuais ou coletivas.

Por fim, o quarto e último projeto é o da Fazenda vertical na sede da empresa Pasona Group em Tóquio. Com o projeto de reforma assinado pelo escritório estadunidense Kono Designs, a proposta busca ressignificar o conceito de escritório

contemporâneo e auto suficiente sem necessariamente seguir os padrões de compensação energética e construtivas, fazendo utilização de árvores frutíferas para separação de ambientes, fornecendo palestras e seminários públicos para reverter o quadro agrícola negativo no Japão e permitindo o cultivo dos alimentos dos funcionários da empresa em seu próprio ambiente de trabalho.

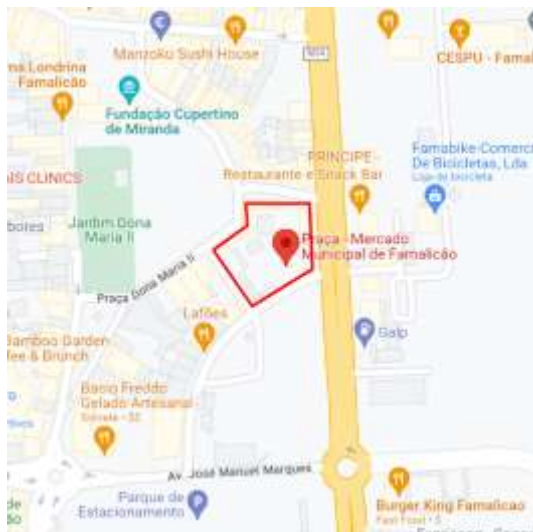
3.1 PRAÇA FAMALICÃO – MERCADO MUNICIPAL DE FAMALICÃO

Dados Técnicos:

- Projeto: Rui Mendes Ribeiro
- Localização: Vila Nova de Famalicão, Portugal
- Área construída: 3.7498 m²
- Ano: 2021

O projeto do Mercado Municipal de Vila Nova de Famalicão, sob o nome de Praça Famalicão, está localizado em uma região central da cidade (Figura 10). Faz parte do projeto municipal de reabilitação do antigo Mercado Municipal, tendo em seu entorno áreas de fácil acesso, tanto viário quanto pedonal, como é o caso da Avenida Marechal Humberto Delgado. Seu edifício principal é composto por três corpos retangulares, que marcam uma transição entre a praça Dona Maria II e a Rua Capitão Manuel Carvalho em sua cota superiora (RIBEIRO, 2021).

Figura 10 - Localização do projeto Praça - Mercado Municipal de Famalicão



Fonte: Google Earth. Modificado pelo autor (2022).

Projetado pelo arquiteto Rui Mendes Ribeiro, o projeto surge da necessidade de viabilizar a reabilitação do edifício original (Figura 11 e 12), tendo como determinante a valorização do seu carácter arquitetónico e histórico e também das condições precárias em que se encontrava (RIBEIRO, 2021).

Figura 11 - Projeto original - Mercado Municipal de Famalicão



Fonte: Praça Famalicão (1952).

Segundo Praça (2021), o projeto original, com seu estilo arquitetónico na tradicional arquitetura portuguesa, aliado à severidade característica da linguagem utilizada pelo Estado Novo, foi concebido pelo arquiteto Júlio José de Brito, sendo inaugurado em 21 de setembro de 1952, com o objetivo claro de descongestionar o antigo campo da feira que se utilizava da praça Dona Maria II. Busca assim substituir o local por um espaço agradável e com melhores condições sanitárias. Desde o século XX, a feira teve imenso impacto económico no bairro, e uma proposta de remodelação e ampliação foi criada apenas na década de 1990, idealizada pelo arquiteto Manuel Fernandes de Sá, que manteve-se intacto o corpo principal do mercado.

Figura 12 - Elevação em prancha do projeto original



Fonte: Praça Famalicão (1952).

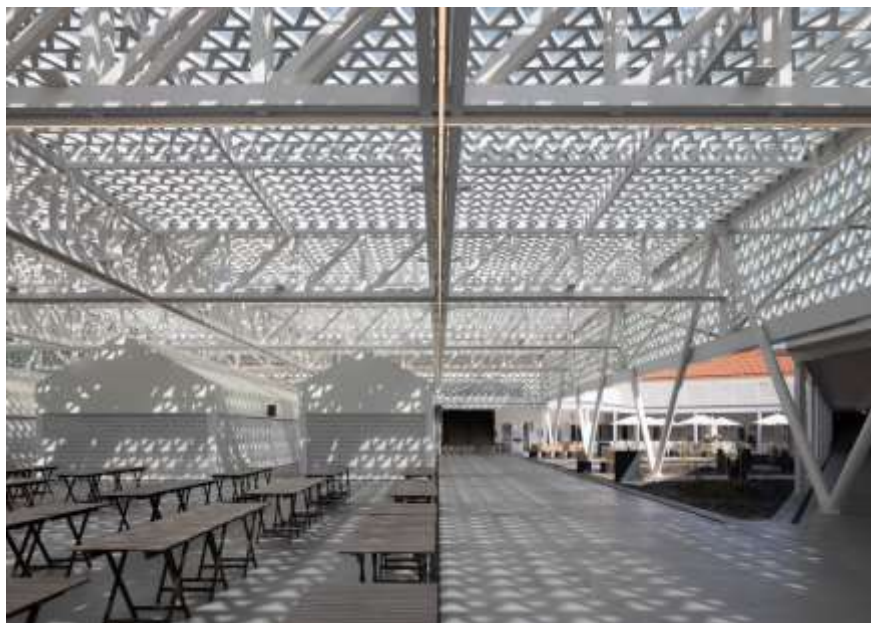
Segundo Ribeiro (2021), na nova proposta, o volume original foi mantido e reabilitado, de forma que a seguir a premissa de valorização do seu carácter arquitetónico. Deste modo, foi projetada uma cobertura metálica com perfil vazado (Figura 13 e 14), de forma a permitir aberturas de iluminação entre seu desenho, tornando-o impermeável por meio de cobertura de vidro e possibilitando ampla iluminação natural.

Figura 13 - Vista externa da estrutura metálica vazada



Fonte: Ivo Tavares (2021).

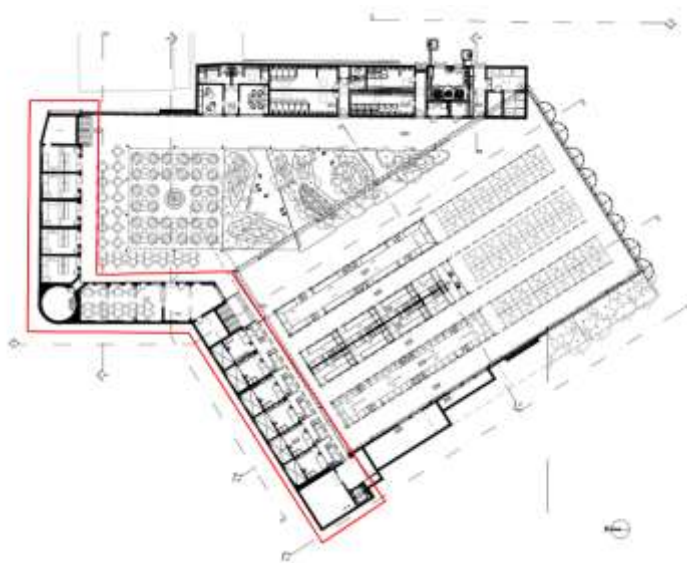
Figura 14 - Vista interna da estrutura metálica vazada



Fonte: Ivo Tavares (2021).

Apesar da característica histórica do edifício original, é possível perceber que a fusão como uma única edificação foi feita com maestria, dando uma nova perspectiva, tanto estética, quanto turística e econômica para o bairro. Em planta, (Figura 15) percebe-se que a implantação da nova estrutura não agride o existente histórico, mas sim o respeita, integrando ambas as partes e criando a sensação de que sempre esteve ali.

Figura 15 - Planta da nova proposta em relação à original



Fonte: Archdaily. Modificado pelo autor (2022).

3.2 MERCADO MUNICIPAL PONTE DE LIMA

Dados Técnicos:

- Projeto: Guedes Cruz Arquitectos
- Localização: Ponte de Lima, Portugal
- Área construída: 4.998 m²
- Ano: 2002

O projeto encontra-se localizado na cidade de Ponte de Lima, às margens do Rio Lima (Figura 16 e 17), em uma localização extremamente nobre da cidade. Foi fruto de um concurso público de remodelação do edifício histórico original; segundo Gonçalves (2017), o projeto contou com um aumento significativo no número de

bancas de vendas e a construção de um estacionamento subterrâneo para aproximadamente 100 carros, como forma de atrativo para viabilizar o acesso ao local.

Figura 16 - Localização do projeto do Mercado Municipal Ponte de Lima



Fonte: Google Earth. Modificado pelo autor (2022).

Figura 17 - Localização do projeto do Mercado Municipal Ponte de Lima



Fonte: Archdaily (2014).

De acordo com Guedes Cruz Arquitectos (2014), o projeto original de 1927 provocou diversas discussões em relação às vantagens e desvantagens de sua localização, apesar de não haverem críticas sobre a edificação em si. Com uma implantação apoiada sobre um embasamento de pedra, responsável por criar um desnível em relação ao nível do solo, cumpre a função de evitar inundações, já que o local se encontra próximo à área de cheia do rio Lima. A construção no geral foi executada com qualidade e seguindo os estilos construtivos portugueses da época, como o uso da pedra (Figura 18 e 19).

Figura 18 - Vista aérea do projeto original do mercado



Fonte: Blog Ponte de Lima (2012).

Figura 19 - Vista da fachada do projeto original do mercado



Fonte: Arquivo Municipal de Ponte de Lima.

A expansão e remodelação do projeto contou com a demolição das alas sul e leste existentes, que por sua vez foram substituídas por um novo bloco, com dois pavimentos para comércio e vendas, mantendo a mesma largura do edifício original (Gonçalves, 2015).

Na nova proposta, o embasamento é agora utilizado como estacionamento, mantém seu comprometimento com o terreno em resistir à violência da água, enquanto os materiais estruturais e de revestimento como madeira, cobre ou vidro, expõem a diferença entre o que é permanente e o que é transitório, transpirando leveza e transparência (Figura 20), trazendo luz e vida ao antigo mercado (Guedes Cruz Architectos, 2014).

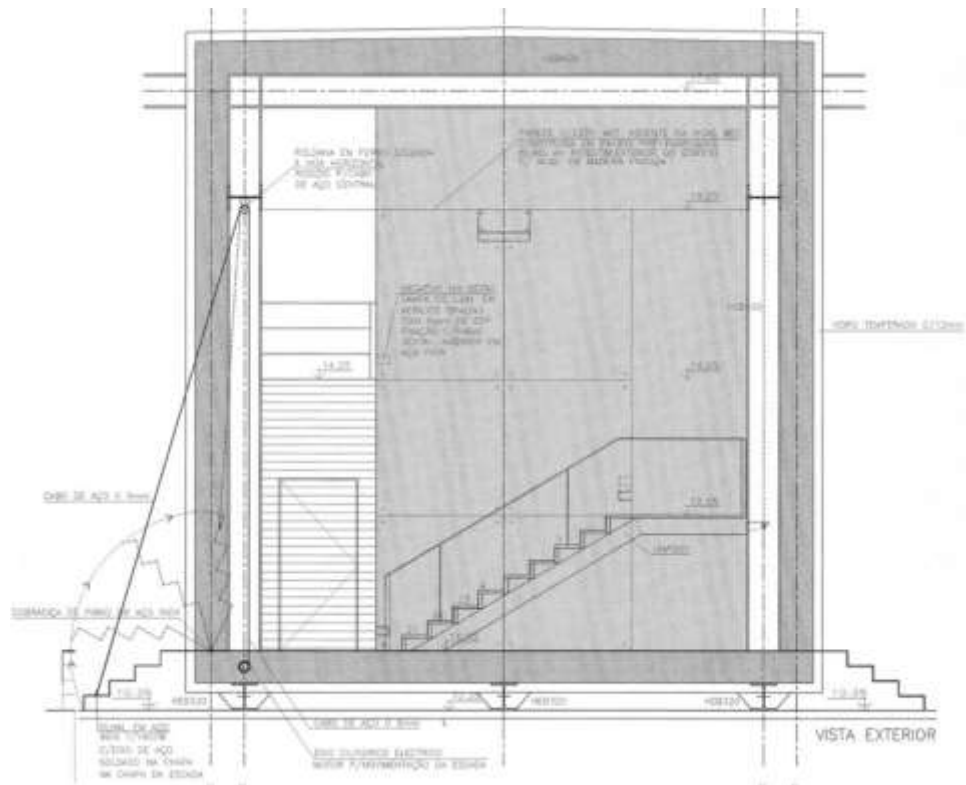
Figura 20 - Vista externa do novo edifício do mercado



Fonte: Fernando Guerra | FG+SG (2014).

Dentre as inúmeras inovações construtivas adotadas no projeto do novo Mercado Municipal, é interessante notar que a estrutura original de embasamento, utilizada como barreira para as épocas de cheia do Rio Lima, no projeto atual é repetida como solução de elevação do edifício como um todo, sendo utilizadas escadas metálicas retráteis que cumprem a função de proteger a estrutura como um todo (Figura 21 e 22). A estrutura metálica que funciona, ora como viga, ora como pilar, garantem um aspecto de avanço tecnológico ao local, reconfigurando o cenário da praça e seu entorno (Figura 23).

Figura 21 - Detalhe técnico das escadas retráteis



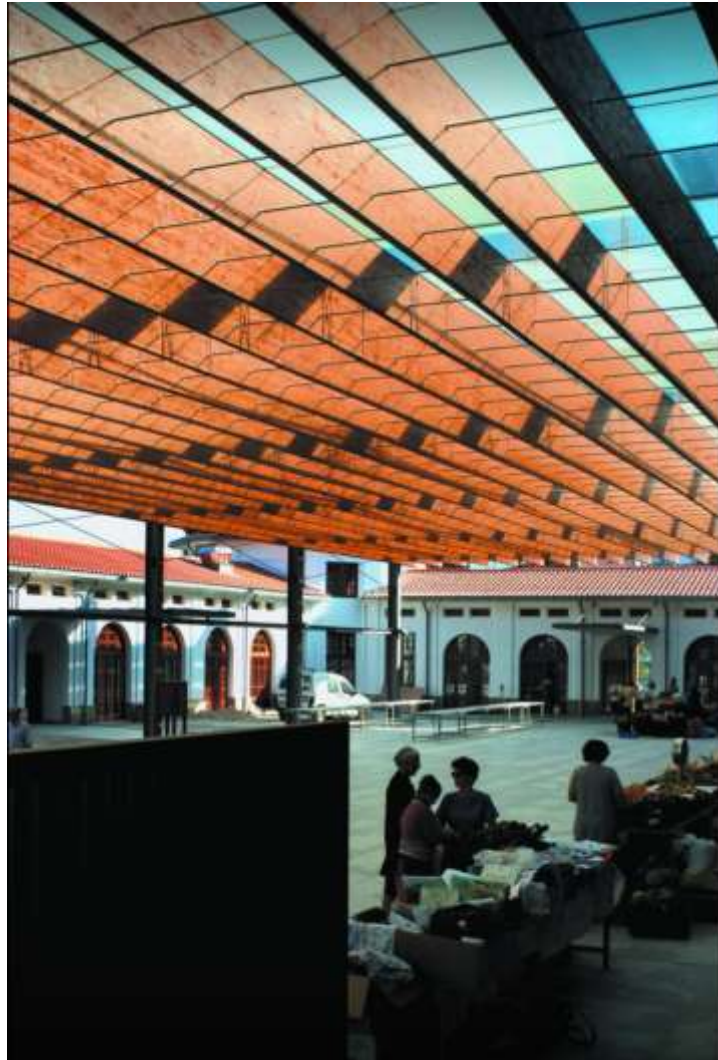
Fonte: Archdaily (2014).

Figura 22 - Demonstração do funcionamento das escadas retráteis



Fonte: Guedes Cruz Arquitectos (2002).

Figura 23 - Vista interna do novo edifício do mercado



Fonte: Fernando Guerra | FG+SG (2014).

3.3 MERCADO ATACADISTA DE FRUTAS E VEGETAIS DE TAINAN XINHUA

Dados Técnicos:

- Projeto: MVRDV
- Localização: Distrito de Tainan Xinhua, Taiwan
- Área construída: “Mercado de atacado e leilão de 80.000 m², incluindo 11.510 m² de área coberta (primeira fase), abrangendo 180 lotes de mercado e espaço para leilão, logística, armazenamento em freezer e instalações de serviços; escritório administrativo, portões e um restaurante na cobertura.” (Walsh, 2019).
- Ano: 2016 até o presente (em construção)

Figura 25 - Perspectiva 3D da cobertura ondulante



Fonte: Antonio Lucas Coco e Pavlos Venturis (2016).

Segundo o cofundador do escritório MVRDV Winy Maas (2016):

Tainan é uma daquelas cidades que pra mim são tão bonitas talvez por sua natureza, campos agrícolas, fazendas, mar e montanhas. O mercado de Tainan pode tornar-se um edifício que simboliza esta beleza, uma vez que complementa a paisagem e o ambiente circundante. É completamente funcional e atende às necessidades de venda e compra de mercadorias, mas sua cobertura com sua coleção de produtos em crescimento permitirá que os visitantes aproveitem a paisagem enquanto escapam da agitação abaixo.

O projeto surge da necessidade de se incentivar o comércio e produção locais no distrito, como forma de suprimir as grandes companhias do setor, com uma alternativa que seja sustentável, tanto no âmbito ambiental, quanto social e econômica.

A proposta de se criar um espaço de permanência no local, com um formato orgânico (Figura 26) atrai a comunidade para um contexto não apenas de compras como a maioria dos mercados e shopping centers, mas de se permanecer, estudar e ter momentos de lazer, o que acaba gerando incentivos tanto para os produtores

locais, que conseguem obter um retorno maior de suas vendas pelo alto fluxo de pessoas, quanto para a comunidade, que consegue usufruir do local de forma despretensiosa.

Figura 26 - Vista da fachada a nível do pedestre



Fonte: Antonio Lucas Coco e Pavlos Venturis (2016).

3.4 FAZENDA VERTICAL NA SEDE DA EMPRESA PASONA GROUP

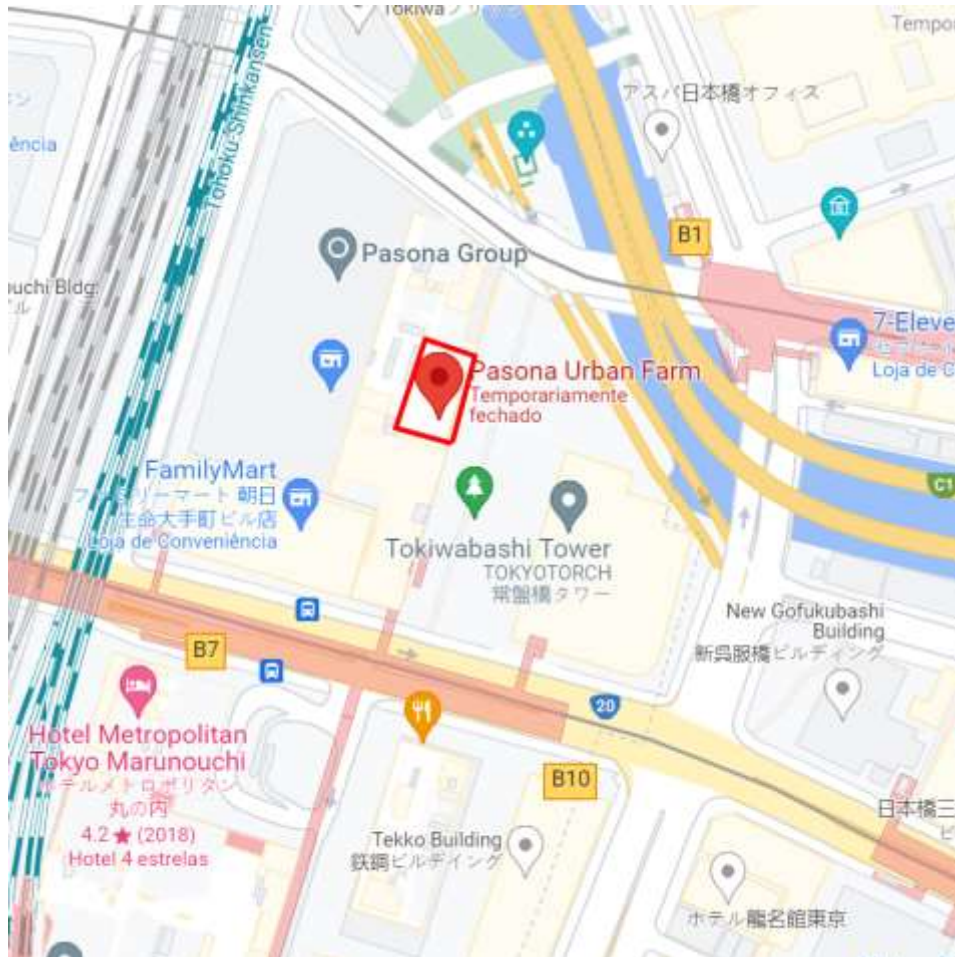
Dados Técnicos:

- Projeto: Kono Designs
- Localização: Tóquio, Japão
- Área construída: 65.532 m²
- Ano: 2010

Localizada no centro de Tóquio (Figura 27), o escritório sede da empresa multinacional japonesa Pasona Group, que fornece serviços de recrutamento e terceirizações é um prédio de nove andares de 50 anos que foi reformado, como forma

de manter sua superestrutura envolvente, sem ter a necessidade de se construir uma nova estrutura do zero (ANDREWS, 2013).

Figura 27 - Localização da sede da Pasona Group

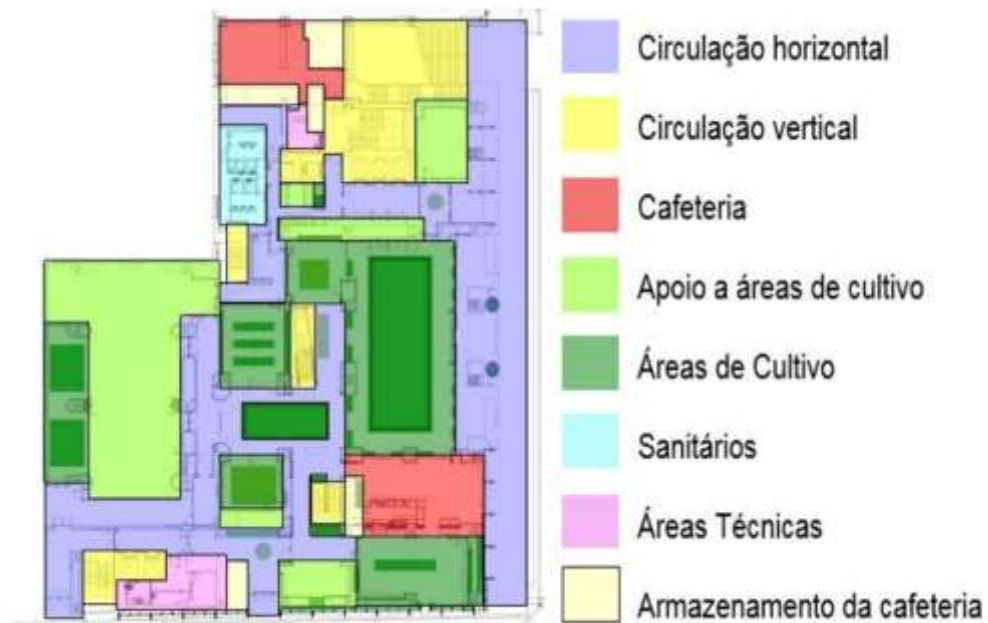


Fonte: Google Earth. Modificado pelo autor (2022).

Proposta em 2010 pela empresa nova-iorquina Kono Designs, a reforma incluiu áreas de escritório, auditório, refeitórios, jardim na cobertura e instalações agrícolas urbanas (Figura 28). Na área total de 19.974 m² do edifício, existem 3.995 m² dedicados a espaços verdes, que abrigam mais de 200 espécies de plantas, frutas, legumes e arroz. Trepadeiras de tomate suspensas sobre mesas de reunião (Figura 29) e campos de brócolis na recepção fazem parte do dia a dia da vida profissional dos funcionários, que podem cultivar e colher sua própria comida no trabalho. Em conjunto com especialistas, os funcionários da sede também são convidados a participar da etapa de manutenção e colheita geral, incentivando a interação social e

buscando incutir um senso de responsabilidade e trabalho em equipe. (ANDREWS, 2013).

Figura 28 - Planta dos setores do pavimento tipo do escritório



Fonte: Marcone José da Silva. Modificado pelo autor (2022).

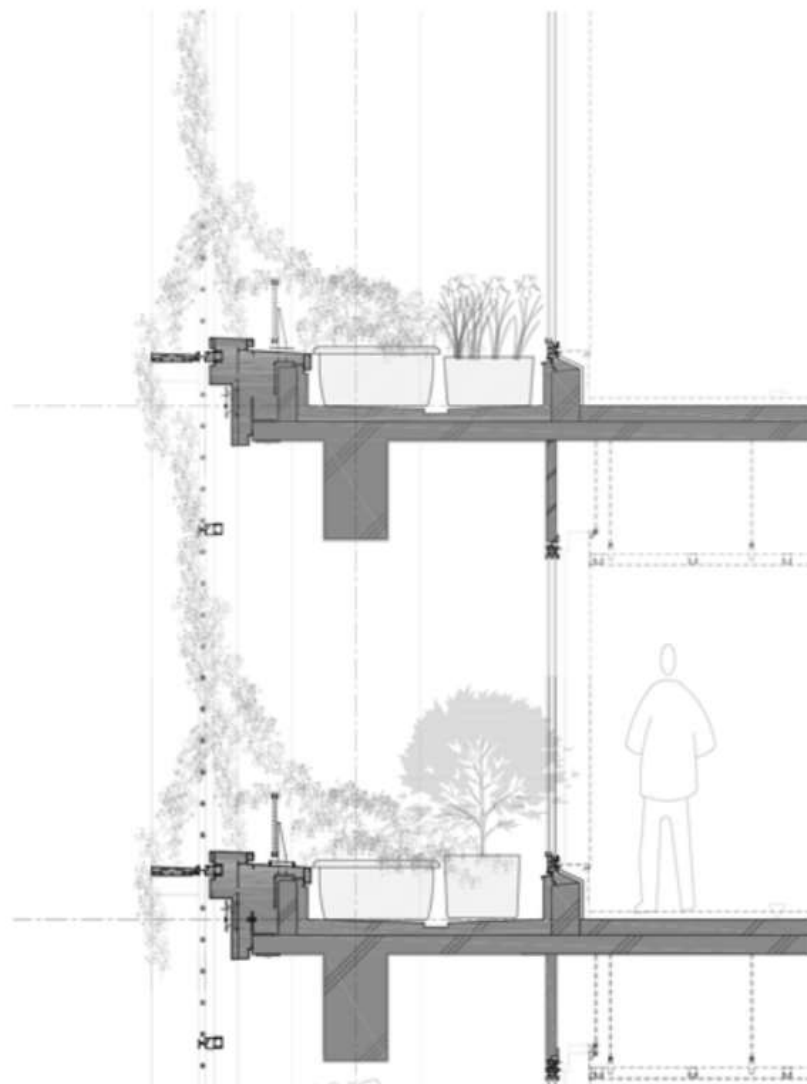
Figura 29 - Trepadeiras de tomate suspensas nas salas de reuniões



Fonte: Kono Designs (2013).

De acordo com Andrews (2013), o edifício tem uma fachada verde de pele dupla, onde flores e laranjeiras são plantadas em jardineiras nas pequenas varandas lindeiras (Figura 30), criando uma fachada verde e viva (Figura 31), enquanto dentro dos escritórios, limoeirões e maracujás são utilizados como divisórias entre salas de reunião, folhas de saladas são cultivadas dentro de salas de seminários e brotos de feijão cultivados sob bancos.

Figura 30 - Detalhe das jardineiras nas varandas



Fonte: Kono Designs (2013).

Figura 31 - Fachada externa do escritório



Fonte: Kono Designs (2013).

Enquanto fornecem ar fresco para o edifício, as varandas ajudam a sombrear e isolar os interiores da área externa, reduzindo cargas de aquecimento e resfriamento do edifício durante o clima moderado. Internamente, como forma de se conseguir um pé direito mais alto, todas as tubulações foram locadas nos perímetros das salas, permitindo que as luminárias fossem instaladas no alinhamento inferior das vigas, transformando os ambientes sem rebaixar ainda mais o teto (Figura 32) (ANDREWS, 2013).

Figura 32 - Luminárias de teto instaladas no alinhamento inferior das vigas



Fonte: Kono Designs (2013).

Para o arquiteto que assina a proposta Yoshimi Kono (2013),

Trabalhadores em prédios próximos podem ser vistos apontando e falando sobre novas flores e plantas e até as estações do ano – tudo no meio de um cruzamento movimentado na área metropolitana de Tóquio. A mudança na forma como as pessoas locais pensam e sobre o que falam sempre foi um dos objetivos de longo prazo do projeto. O foco do projeto não estava nos padrões impostos de verde, onde as compensações de energia e as taxas de eficiência rígidas imperam, mas sim em uma ideia de um edifício verde que pode mudar a maneira como as pessoas pensam sobre suas vidas diárias e até mesmo suas próprias escolhas pessoais de carreira e caminho de vida. É importante notar que este não é um edifício passivo com plantas nas paredes, este é um edifício em crescimento ativo, com plantações usadas para oficinas educacionais onde os funcionários da Pasona e membros da comunidade externa podem entrar e aprender práticas agrícolas.

Segundo o autor, o saguão principal da empresa possui um arrozal e um campo de brócolis (Figura 33), que são iluminadas por lâmpadas de iodetos metálicos HEFL, fluorescentes e LED, contando também com um sistema automatizado de irrigação. Como forma de maximizar o rendimento das colheitas, foi implantado um sistema de controle climático automatizado, que usa uma regulação para controlar a umidade, temperatura e brisa para o conforto humano durante o expediente de trabalho e outra mais agressiva para o período fora do expediente (ANDREWS, 2013).

Figura 33 - Campo de arrozal e brócolis no saguão do escritório



Fonte: Kono Designs (2013).

A empresa Pasona Group entende a limitação do Japão em relação a agricultura, e, como forma a privilegiar uma reversão no declínio do número de agricultores e garantir uma produção de alimentos saudáveis no futuro, tenta criar um ambiente de trabalho melhor, se concentrando em educar a próxima geração de agricultores de forma a elencar cada vez mais esse tipo de construção, fornecendo de forma pública seminários, palestras e programas de estágio, capacitando alunos com estudos de caso, gestão de negócios, conselhos financeiros e profissionais (ANDREWS, 2013).

Internamente, o projeto de fazenda vertical no escritório sede da Pasona Group indica uma setorização de áreas e ambientes pensada de forma orgânica no sentido mais literal da palavra, pois permite que as salas sejam isoladas pela própria produção de alimentos do edifício, criando uma integração direta com o que é produzido no local e com a solução arquitetônica adotada. Enquanto externamente, sua fachada verde cria a impressão de um oásis em meio à “selva” de concreto e aço do cenário urbano do centro de Tóquio.

A proposta arquitetônica e também a própria empresa buscam provar que, embora os padrões de sustentabilidade energética e construtiva sejam importantes, não é de exclusiva importância para se criar um ambiente que tenha preceitos sustentáveis, incentivando e servindo como exemplo para outras empresas.

4 VISITA TÉCNICA

Uma visita técnica à cidade de Campinas foi realizada com o objetivo de estabelecer um conhecimento direto do programa proposto. O projeto selecionado para a visita técnica foi escolhido por se tratar, de acordo com o jornal CBN Campinas (2021), de um dos mercados municipais mais importantes do país, dada sua variedade de produtos, sendo o mais antigo centro de compras da cidade.

4.1 MERCADO MUNICIPAL DE CAMPINAS

Com 143 boxes entre internos e externos em seus 3.110m² construídos, o Mercado Municipal de Campinas se localiza no centro de Campinas, entre as ruas Benjamim Constant, Ernesto Kullman, Barreto Leme e Álvares Machado e possui uma grande variedade de produtos. Segundo o jornal CBN Campinas (2021), a oferta varia entre

“artigos para feijoada, açougue, peixaria, lanchonete, pastelaria, artigos religiosos e para pesca, tabacaria, peças para conserto de fogões, além de frutas, verduras e legumes sempre frescos”.

Inaugurado em 1908, projetado por Ramos de Azevedo, o edifício segue o estilo arquitetônico eclético e neomourístico, como ilustrado na Figura 34. Foi tombado pelo CONDEPHAAT em 1983, pela sua modalidade de mercado regional e pelo CONDEPACC em 1995, dado o seu valor arquitetônico.

O edifício conta com uma pluralidade de acessos, pedonais e viários, em parte pela presença de um terminal e paradas de ônibus logo em frente ao mercado (Figura 35).

Figura 34 - Fachada do Mercado Municipal de Campinas



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Figura 35 - Parada de ônibus em frente ao Mercado



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

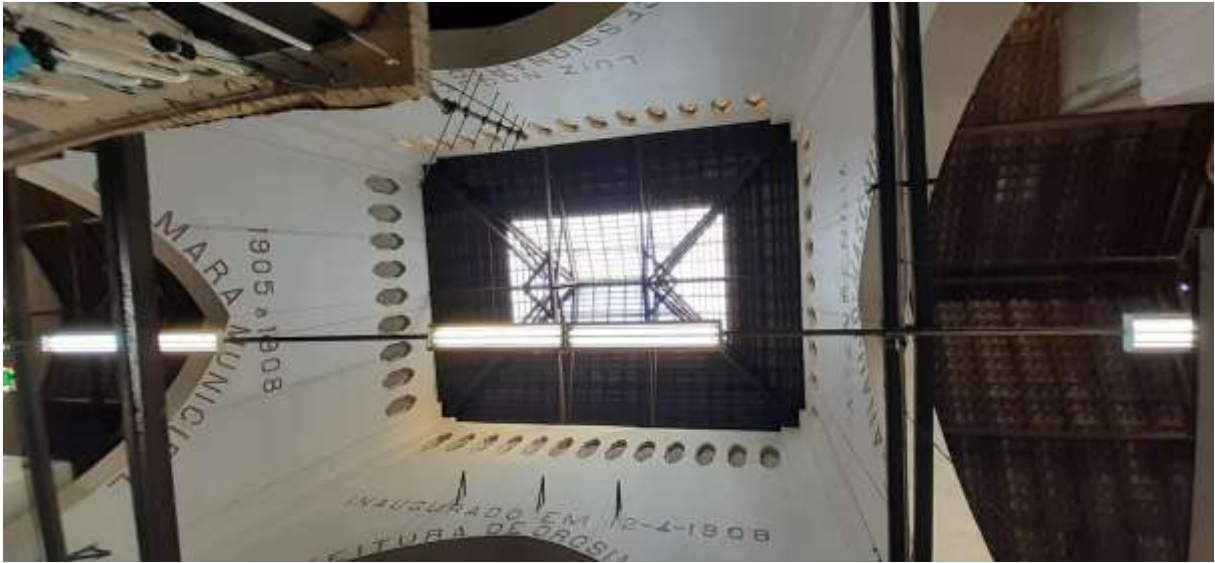
O edifício é composto por volumes variáveis que se sobressaem e permitem pé direitos elevados em alguns pontos. Dessa forma, favorece a iluminação natural com a utilização de vitrais janelas altas e claraboias; é possível observar a disposição desses elementos citados na Figura 36 e 37.

Figura 36 - Iluminação natural em forma de janelas altas e vitrais



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Figura 37 - Iluminação natural em claraboias



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

A arquitetura do Mercado se destaca dos outros edifícios do entorno, como um equipamento de grande importância para a cidade; recebe usuários de diversas classes sociais e credos, assegurando-se também como um espaço amplamente democrático.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA – O MUNICÍPIO DE BAURU

Este Trabalho Final de Graduação apresenta uma proposta projetual para a cidade de Bauru, o que torna necessária uma análise do município em seus dados gerais e econômicos, com enfoque nas limitações e potencialidades da localização escolhida, assim como no histórico municipal acerca da área escolhida para intervenção.

5.1 DADOS MUNICIPAIS

Segundo a Prefeitura Municipal de Bauru (2022), a cidade encontra-se localizada no centro-oeste do estado de São Paulo (Figura 38), com dimensão territorial de 673.488 km² e 326km² distante de sua capital. Possui divisa com os municípios de Arealva, Reginópolis, Piratininga, Agudos, Pederneiras, Duartina e Avaí.

Figura 38 - Localização de Bauru no estado de São Paulo



Fonte: IBGE. Modificado pelo autor (2022).

A cidade possui conexão direta com as rodovias SP-225 (Rodovia João Ribeiro de Barros e Rodovia João Batista Cabral Renno), SP-294 (Rodovia João Ribeiro de Barros), SP-300 (Rodovia Marechal Rondon) e SP-321 (Rodovia Cesário José de Castilho), estando em uma posição privilegiada pela facilidade de entrada e saída de pessoas e materiais.

Segundo o IBGE (2021), a cidade possui 381.706 habitantes; a pesquisa feita pelo mesmo instituto em 2010, revelou que 50,4% possui idade entre 25 a 59 anos, sendo constituída por 48,5% homens e 51,61% mulheres. Da totalidade populacional, 98,3% ocupa a região urbana da cidade; conta com densidade de 541,3 hab./km² e índice de desenvolvimento humano (IDH-M) de 0,801; categorizado como muito alto, em 20º lugar no ranking do estado de São Paulo.

Bauru é conhecida regionalmente como polo universitário, e se destaca no interior paulista em relação às cidades vizinhas, oferecendo 783 cursos entre 39 instituições de ensino superior, entre centros universitário, universidades, institutos federais e escolas públicas (JCNET, 2019). Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP (2017), cerca de 26.887 universitários haviam sido matriculados e estavam se formando no ano de 2017 no município. Para o G1 (2022), houve uma queda do número de universitários

residentes no município durante a pandemia de coronavírus entre 2020 e 2022, fato que refletiu diretamente no mercado imobiliário da cidade, que projeta a volta à normalidade no primeiro semestre de 2022.

De acordo com Cavassan (2013), é caracterizada por uma vegetação nativa majoritariamente de cerrado, que abriga uma diversidade biológica altíssima, considerado, no começo deste século, um dos 25 *hotspots* mais importantes para a conservação em escala global, status anteriormente ocupado apenas pela Mata Atlântica. Até o século XIX, não havia menções técnicas sobre a categorização da vegetação de Bauru.

5.2 ECONOMIA

Com a chegada da ferrovia na cidade em meados do século 20, a cidade teve um direcionamento de seu perfil econômico, com predominância do setor terciário, que predomina até os dias de hoje. O mercado local foi intensificado pela chegada dos engenheiros, operários, médicos e funcionários da ferrovia, que consequentemente diversificaram muito a demanda de comércio, serviços e o setor de transporte na cidade como forma de suprir as novas necessidades da população (LOSNAK, 2004, p. 62).

A cidade de Bauru sempre teve sua economia relacionada com o fator de conexão regional no oeste do estado até mesmo antes da chegada da ferrovia, pois servia de conexão entre os viajantes que iam rumo ao sertão, adquirindo a característica de polo regional (LOSNAK, 2004, p. 74).

Segundo Losnak (2004, p. 74), o transporte e comércio de mercadorias e serviços no geral não está vinculado apenas à ferrovia, mas também à agricultura do café, que perdurou até a década de 30 e, posteriormente, à produção do algodão.

Atualmente, segundo o Sistema Estadual de Análise de Dados, o SEADE (2019), o PIB de Bauru equivale a 32% da totalidade da sua região administrativa, que abrange 39 cidades da região, totalizando 13 bilhões de reais. Sua matriz econômica é composta por 0,3% no setor primário, 20% no setor secundário e 79,7% no setor terciário. Das 16,5 mil empresas na cidade, 7.800 (47%) são comerciais, 132 (1%) agropecuárias, 1.208 (7%) industriais e 7.442 (45%) na área de serviços.

5.3 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

Em 1º de agosto de 1856, por meio de doações de terras por fazendeiros, a até então Vila de Bauru é elevada a município.

Na primeira década do século 20, Bauru era local de abastecimento de viajantes e moradores da região, apesar de ser considerado como “sertão”, também era ponto de conexão entre áreas e vilas já ocupadas na época, como Jaú, Botucatu e a Vila de Avanhandava (LOSNAK, 2004). O patrimônio na época era pertencente ao extinto município de Espírito Santo de Fortaleza; a cidade teve suas primeiras residências construídas na atual Rua Araújo Leite (Figura 39), que recebem iluminação pública alguns anos depois. (BIERNATH, 2010).

Figura 39 - Rua Araújo Leite no começo do século XX



Fonte: Acervo histórico da Prefeitura Municipal de Bauru (2019).

Segundo Losnak (2004), os primórdios da formação da cidade foram caracterizados pela conquista de terras por meio de grilagem e pelo vasto extermínio indígena da tribo Caingangue; a ocupação da sociedade branca derrota os nativos “militar e simbolicamente”.

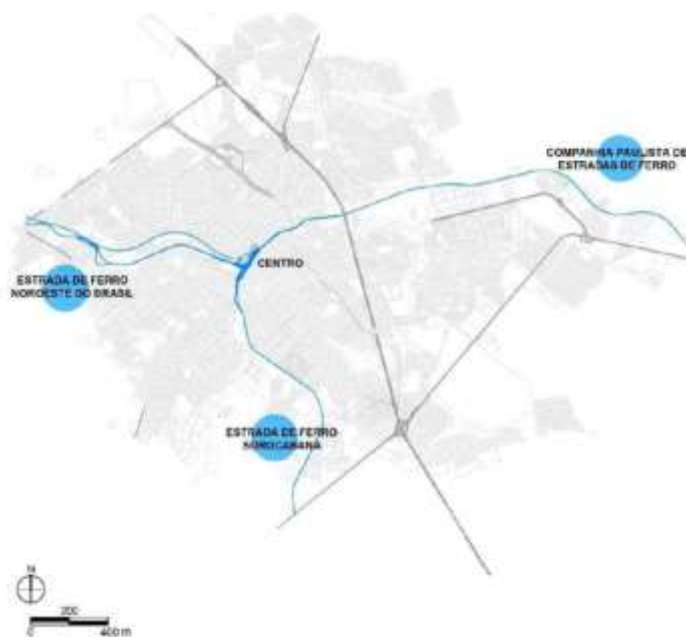
5.4 O PAPEL DA FERROVIA NO DESENVOLVIMENTO DE BAURU

Após o estabelecimento de três importantes companhias ferroviárias, se forma um entroncamento ferroviário (Figura 40), que posteriormente viria a ser um dos mais

importantes da América do Sul. A cidade recebe diversos investimentos de fazendeiros, que viam aqui muito potencial imobiliário. “A instalação quase imediata da Sorocabana e do complexo da Noroeste altera dramaticamente a vida local. Milhares de trabalhadores dirigem-se a Bauru em busca de ocupação nas obras.” (GHIRARDELLO, 2001 apud BIERNATH, 2010, p.8).

A popularidade grandiosa que goza este recanto do Estado de S. Paulo o torna invejado por muitas cidades, entre as quais algumas que se julgam de uma importância extraordinária. É que Baurú, situado em um excelente ponto estratégico, é a única cidade que pode servir de interposto entre S. Paulo e Matto Grosso, e para facilitar-lhe essa tarefa é ponto terminal de duas importantes estradas de ferro, Sorocabana e Paulista, e ponto inicial da não menos importante Noroeste do Brasil (O BAURU, 1922, p. 1 apud LOSNAK, 2017, p.14).

Figura 40 - Entroncamento ferroviário no mapa de Bauru dos dias atuais



Fonte: Lucas Rafael Bortolotto Henrique (2019).

Visando o potencial da localização da região de Bauru e da imensa área até então inexplorada no estado, três empresas compunham o entroncamento ferroviário. A Sorocabana, a primeira a chegar em Bauru com a sua estação em 1904 (Figura 41 e Figura 42) e que, segundo Fontes e Ghirardello (2008) instalam seus trilhos vindos de Lençóis Paulista, pela parte sul da cidade. Seguirá um caminho paralelo ao córrego Águas da Ressaca e posteriormente ao Ribeirão Bauru, como forma de realizar o mínimo de desapropriações possíveis, une a área de menor valor de compra e com menor chances de desapropriação pela proximidade com fundos de vale e alagadiças

e de difícil aproveitamento residencial. Ainda segundo o autor, a chegada dos trilhos teve tamanho impacto que se fez necessária a execução de uma avenida, a atual Rodrigues Alves (vista com a estação da Noroeste na Figura 43), que foi projeto da própria companhia. Seguia o modelo parisiense de Haussmann, procurando criar um eixo de perspectiva para a entrada da estação, já que a mesma carecia de uma praça frontal, que era comum na implantação de estações na época.

Figura 41 - Estação da Sorocabana em 1906



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil (2021).

Figura 42 - Estação da Sorocabana em 2017



Fonte: Marcelo Reis (2017).

Segundo Fontes e Ghirardello (2008), a segunda empresa a se instalar na cidade foi a Companhia Noroeste do Brasil, que tinha em sua estação (Figura 43 e 44) o ponto inicial dos trilhos da companhia. Inicia suas obras em 1905 e entrega os 100 primeiros quilômetros já no ano seguinte. A implantação foi executada em local próximo da estação Sorocabana, o que facilitou a baldeação, aproveitando a topografia plana já existente. A instalação de seu complexo transforma o traçado dessa região da cidade. Ainda segundo o autor (2002), o trabalho de execução dos trilhos e abertura da mata fechada para instalação de estações (Figura 45) se dava majoritariamente por sertanejos, baianos e mineiros.

“Pobre de arte e pobre de técnica, a construção da Noroeste do Brasil, se revelara dantes pela audácia, pela tenacidade dos profissionais e pela valentia dos sertanejos de terra.” (ANDRADE, 1945, p. 145 apud GHIRARDELLO, 2002, p. 38).

Figura 43 - Estação da Noroeste com a Avenida Rodrigues Alves em 1960



Fonte: Célio José Losnak (2004).

Figura 44 - Estação da Noroeste em 2016



Fonte: Hermes Hinuy (2016).

Figura 45 - Construção de estação da Noroeste em mata fechada



Fonte: Centro de Memória Regional, RFFSA/UNESP (sem data).

A terceira companhia a se instalar na cidade é a Paulista, que chega em 1910, e com seus trilhos, corta diversas ruas principais e nobres da cidade para chegar com estação na cota próximas das estações da Noroeste e da Sorocabana. A companhia

Paulista tinha a premissa principal de transportar a produção de café do interior paulista, transformando-se em um importante elo de ligação de Bauru com o restante do estado, tendo empregado simultaneamente 3000 funcionários. A estação da Companhia Paulista (Figura 46 e Figura 47) se deu de forma “provisória” na cidade pois havia a premissa de uma unificação com a estação da Noroeste, que por fim acabou ficando como definitiva pois a integração nunca ocorreu (FONTES; GHIRARDELLO, 2008; CODEPAC, 2019).

Figura 46 - Estação "provisória" da Companhia Paulista em 1915



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil (2018).

Figura 47 - Estação da Companhia Paulista em 2014



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil (2018).

De acordo com Losnak (2017, p.14), desde o fim do século XIX, a ferrovia foi reconhecida como uma enorme força transformadora e fundadora das cidades por onde passava, sendo entendida pela população como expressão do progresso e da modernidade. Transformava o então “sertão” abrindo um caminho próspero para São Paulo e demais regiões distantes.

As companhias, para o pleno funcionamento da ferrovia e sua expansão, necessitavam que funcionários especializados estivessem de prontidão para solucionar qualquer imprevisto que pudesse ocorrer. Sendo assim, foram construídas desta forma vilas nas imediações das estações para abrigar esses funcionários (BIERNATH, 2010). A área de implantação escolhido para este Trabalho Final de Graduação se situa na mesma gleba de uma dessas vilas, a da estação ferroviária Sorocabana; atualmente é ocupada de forma irregular, como se vê na Figura 48.

Figura 48 - Ocupação irregular na antiga vila de funcionários da ferrovia



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Apesar do progresso, o trabalho de expansão ferroviário encontrou diversas dificuldades em seu caminho, como exemplo a insalubridade proveniente da má gestão principalmente por parte da Noroeste para com seus funcionários. Estes cumpriam condições de trabalho subumanas com jornadas de dez horas, todos os dias da semana, fazendo com que contraíssem doenças rapidamente. Além disso,

ataques indígenas ocorriam com enorme frequência na época, o que consequentemente intimidava os trabalhadores e inquietava as autoridades. Eram qualificados pela imprensa como brutais e canibalescos; na virada da década, a ameaça indígena aproximava-se da extinção e abria espaço apenas para o progresso (GHIRARDELLO, 2002; LOSNAK, 2017).

5.5 O RIO BAURU

As bacias fluviais (ou “espigões”) de Bauru, possuíam a função de delimitar as antigas fazendas, e foram divididas em glebas que delimitavam os perímetros municipais. (FONTES; GHIRARDELLO, 2008).

O Rio Bauru e seus afluentes se encontram em grande parte em péssimo estado de preservação; tanto seus leitos quanto matas ciliares estão degradadas, e em seu percurso, as vegetações não contribuem para a devida proteção; Barbosa (2006) nota que os dejetos de esgotos domésticos, resíduos industriais e queimadas contribuem para o aumento de seu degrado, como se constata na Figura 49.

Figura 49 - Rio Bauru na Avenida Nuno de Assis, área com queimadas e erosões no ano de 2003



Fonte: Valter Luís Barbosa (2003).

Para Barbosa (2006), a expansão urbana entre 1996 e 2004 no município é uma das principais justificativas para a degradação socioambiental nas bacias fluviais e fundos de vale na cidade, pois ocorreu sem a devida preocupação do poder público para com a capacidade de suporte desses ecossistemas.

De acordo com matéria publicada no JCNET (2017), o rio Bauru e seus afluentes não recebem mais esgoto doméstico desde o ano de 2018. Porém nada diz sobre o esgoto industrial, que consegue ser mais danoso por conta da carga elevada de elementos tóxicos em relação ao esgoto doméstico.

Apesar da ciência do poder público e da população para com a desvalorização e degradação socioambiental dessas áreas, segundo Fontes e Ghirardello (2008, p.25 e p.26), “os planos para ocupação e uso dos fundos de vale como áreas de parques lineares [...] não tem força suficiente para serem viabilizados.” Os autores afirmam ainda que:

Apesar da obrigatoriedade de manutenção das matas ciliares e da fixação de faixas de proteção ao longo dos rios, presentes nas legislações federais, estaduais e municipais, está historicamente comprovado que a manutenção dessas áreas não acontece de maneira satisfatória, principalmente em função da escassez de recursos humanos, materiais e financeiros [...].
As tentativas ocorridas com o intuito de organizar, zonear, circular, acessar, não consideraram que o contato com a natureza é motivo de bem estar e satisfação dos moradores, qualificando o espaço da cidade. Para a paisagem urbana não existem receitas, fórmulas ou modelos a serem importados. Está para ser construída através das experiências das pessoas que trabalham, conhecem e vivem a cidade, mas com respeito aos processos naturais e à história do lugar, valorizando os elementos lineares dos fundos de vale [...], levando em conta as necessidades estéticas, culturais e ambientais.

5.6 PROPOSTAS DE MERCADO MUNICIPAL E A FEIRA LIVRE NO MUNICÍPIO

Atualmente, a cidade não conta com nenhum mercado municipal em funcionamento, apesar de, segundo a Prefeitura Municipal de Bauru (c2022), realizar cerca de oito feiras diárias em diversas regiões da cidade (Figura 50).

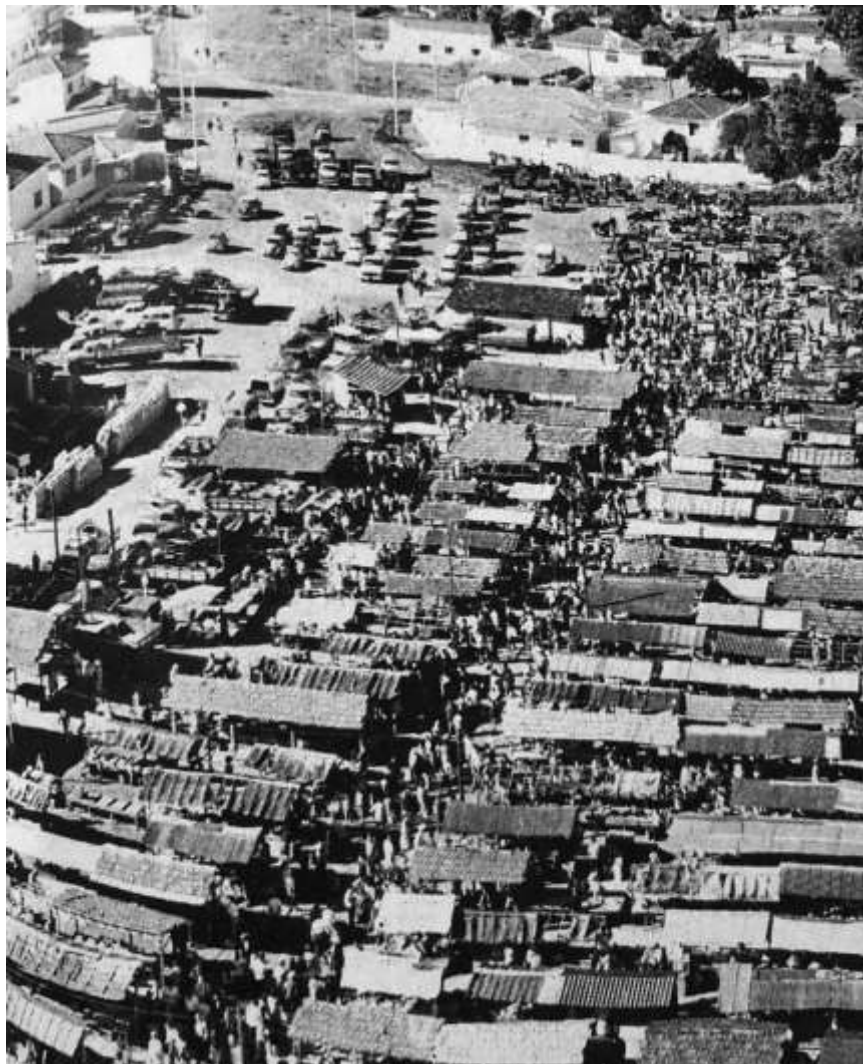
Apesar da popularidade das feiras livres em Bauru, nem sempre foi assim. Segundo Losnak (2004), a Avenida Marginal (hoje Avenida Nações Unidas) sediava uma grande feira livre com barracas fixas em 1967 (Figura 51), percebidas como “instalações horrendas” pela elite bauruense, que cobrou providências ao então prefeito Nuno de Assis para eliminar o que definem como “uma vergonha para a cidade”.

Figura 50 - Feira livre realizada às quartas no Parque Vitória Régia



Fonte: Jonas Rodrigues/Prefeitura de Bauru (2022).

Figura 51 - Feira Livre da Avenida Nações Unidas em 1967



Fonte: Célio José Losnak (2004, p.161)

Na sua história, Bauru chegou a ter um mercado no edifício do atual Centro Cultural “Carlos Fernandes de Paiva” (Figura 53), que também foi sede do Palácio dos Esportes (Figura 52) e posteriormente depósito e estoque de merenda escolar e cestas básicas da prefeitura (SANTANA, 2013).

Figura 52 - Edifício do antigo Mercado Municipal de Bauru, já em funcionamento como Palácio dos esportes



Fonte: Aceituno Jr/Arquivo JCNET (2013).

Figura 53 - Atual Centro Cultural "Carlos Fernandes de Paiva"



Fonte: Google Street View. Modificado pelo autor (2022).

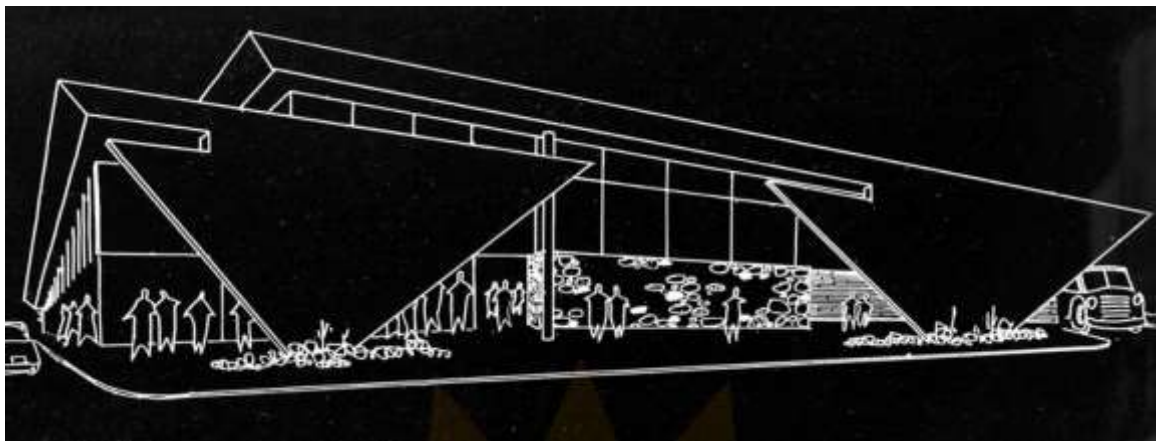
Em entrevista ao JCNET em 2013, Hermínio Aceituno Gomes, que trabalhou 12 anos no extinto Mercado Municipal de Bauru, relembra que havia grande movimento nos boxes do mercado, com “cinco açougues, dois bares e 10 boxes que

tinham muito movimento”. Hermínio entende que “o prédio não se viabilizou porque a freguesia tinha que subir lances de escadas para ir ao pavimento superior”, e ainda que “passou muito superficialmente e ninguém prestou atenção”, citando a falta de apreço pela população em relação ao mercado.

Segundo a Revista Acrópole, nos anos 1960, anterior à implementação do já extinto Mercado Municipal de Bauru, a prefeitura municipal realizou um concurso público com premiação de 100 mil cruzeiros aos vencedores. Entre as 8 propostas, foi vencedora a dos arquitetos João Cacciola e Ariosto Mila com seu projeto de inspiração modernista (Figura 54), mas o mercado nunca chegou a ser executado. Ainda segundo a revista, para a Comissão Julgadora, o projeto vencedor (Figura 55) possuía em sua proposta:

Solução ideal em só piso atendendo a grande economia no custo da construção, facilidade de abastecimento, grande comodidade do público em matéria de circulação interna, cujo esquema deve comandar o acesso rápido e fácil a todas as unidades comerciais competentes, [...] tudo isso perante percurso relativamente curto, num máximo de eficiência com o mínimo de tempo e de esforço físico (Revista Acrópole, 1960, p.316).

Figura 54 - Fachada da proposta vencedora do concurso público



Fonte: Revista Acrópole (1960)

cultura do município e transformar toda a economia do local de sua implantação, fator este que carece às feiras livres pela sua periodicidade.

Portanto, a implementação de um mercado municipal como centro de comércio livre e democrático é uma necessidade, tendo em vista que os principais centros de comércio na cidade hoje se dão em shoppings privados, que não oferecem venda de produtos básicos, referenciais locais e culturais e tampouco oferecem acesso democrático para todas as classes sociais.

6 ESTUDO PRELIMINAR E LEVANTAMENTOS

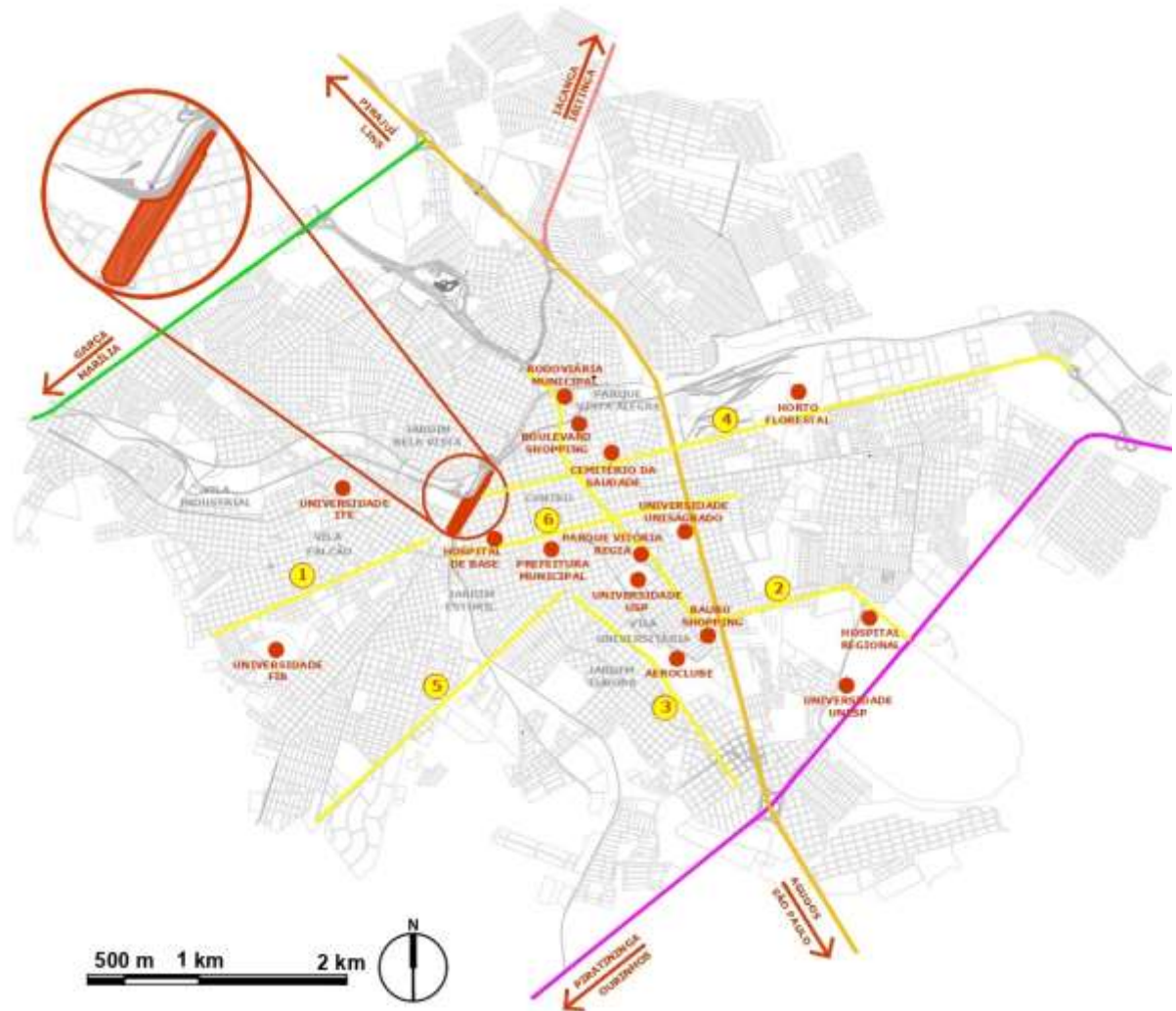
Não existe arquitetura sem estudo do entorno. Buscando estabelecer relações entre as partes de um todo, foi analisado o contexto histórico e social da área escolhida para a intervenção, sendo realizados estudos e análises do local através de observações *in loco* e imagens aéreas ou de satélite.

6.1 ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área de intervenção para a implantação do Mercado Municipal e Fazenda Urbana de Bauru foi escolhida por se tratar de um fragmento de grande significado para o município, pois está inserida no eixo da formação da sua história urbana, entre a Estação Sorocabana e Estação da NOB, em uma área de vazão urbano marcada pelo fundo de vale e pelas linhas férreas. Está localizada na margem do centro histórico da cidade, próximo ao local da proposta vencedora do mercado municipal nos anos 1960. Está no comprimento os bairros Bela Vista, Jardim Estoril e Vila Falcão, em local de fácil acesso para o pedestre, para o usuário de transporte público e também para o transporte privado, o que torna, o acesso democrático para qualquer pessoa.

Como pode-se ver na Figura 56, o local encontra-se posicionado próximo a importantes equipamentos urbanos, como a Prefeitura Municipal, o Hospital de Base, a Câmara Municipal, dentre outros. Com seu endereço na Avenida Pedro de Toledo, a implantação proposta cria uma espécie de percurso pedonal a ser iniciado pela praça Rui Barbosa até o final do Calçadão da Batista de Carvalho em direção ao local de implantação na face oeste da Avenida Pedro de Toledo por boa parte de seu percurso.

Figura 56 - Mapa da área de intervenção



LEGENDA - RODOVIAS	
SIMBOLOGIA	DESCRIÇÃO
	RODOVIA MARECHAL RONDON
	RODOVIA COMANDANTE JOÃO RIBEIRO DE BARROS
	RODOVIA ENGENHEIRO JOÃO BATISTA CABRAL
	RODOVIA CEZÁRIO JOSÉ DE CASTILHO

LEGENDA - AVENIDAS			
SIMBOLOGIA	DESCRIÇÃO	SIMBOLOGIA	DESCRIÇÃO
	RUA QUINZE DE NOVEMBRO		RUA BATISTA DE CARVALHO
	RUA SETE DE SETEMBRO		RUA PRIMEIRO DE AGOSTO
	RUA CUSSY JÚNIOR		AVENIDA NUNO DE ASSIS

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

6.1.1 Zoneamento

De acordo com o Artigo 35 do Plano Diretor de Bauru (2008), o local de implantação escolhido encontra-se na Zona de Interesse Histórico-cultural: “é caracterizada pela existência de prédios de significativo interesse histórico-cultural, com grande potencial turístico.” Segundo as diretrizes do §1º do artigo 35 do Plano Diretor municipal vigente até o momento:

- I - programas de preservação, recuperação e manutenção do patrimônio histórico-cultural;
- II - intervenção na área e prédios do pátio ferroviário e programa de revitalização do entorno, com possibilidade da utilização de operação urbana consorciada;
- III - fomento das atividades turísticas (BAURU, 2008, p.12).

Para o coeficiente de aproveitamento da área, o §2º do artigo 35 estabelece:

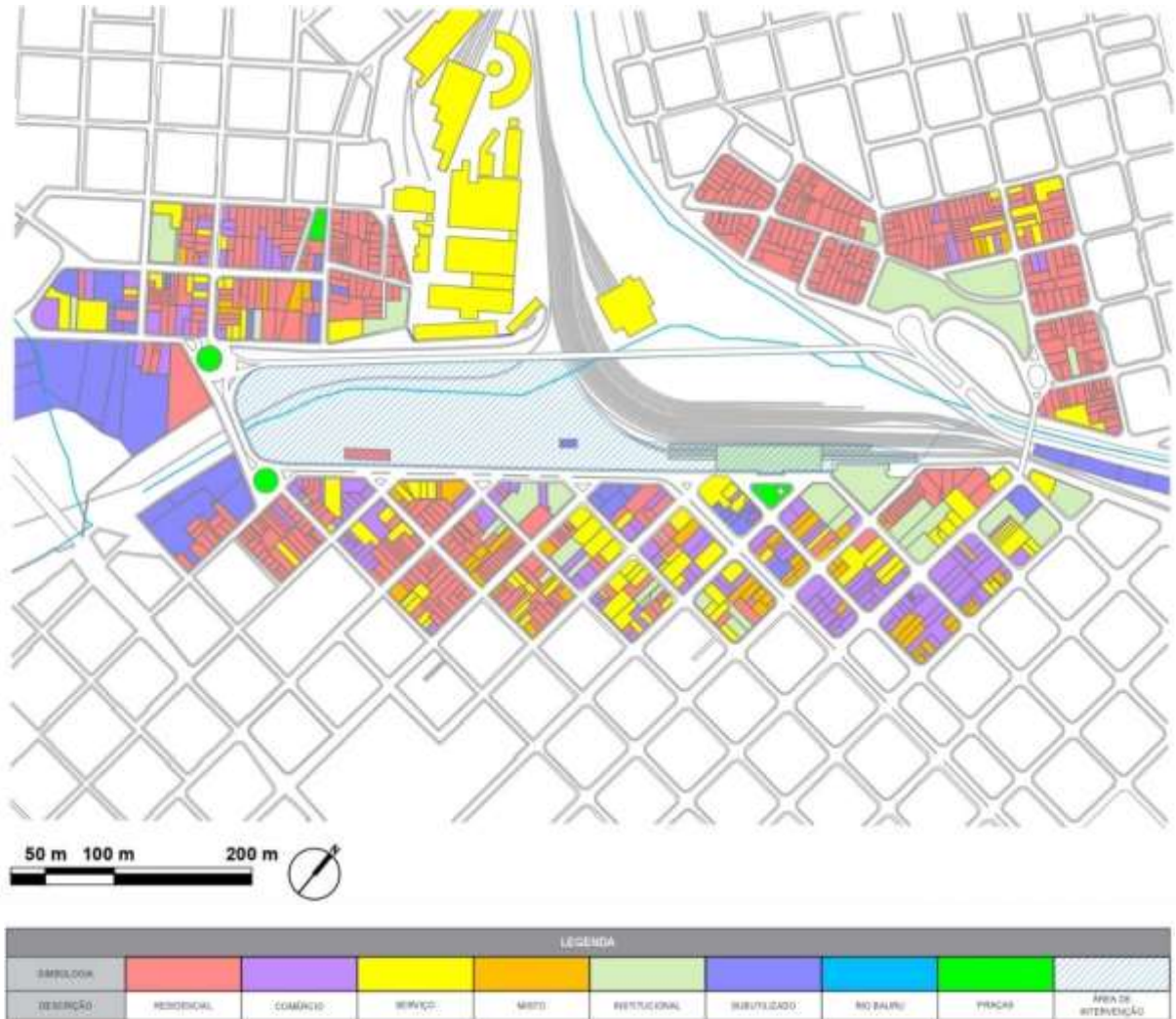
- I - C.A. Básico: 1,5 (um e meio),
- II - C.A. Máximo para a Zona: 3,0 (três) mediante Outorga Onerosa, exceto para empreendimentos habitacionais, relacionados ao setor turístico (BAURU, 2008, p. 12 e p. 13).

6.1.2 Análise do uso e ocupação do solo

Analisando o estudo de uso e ocupação do solo (Figura 57), é possível notar uma área mais densa de edifícios comerciais na região do centro, que possui intenso movimento no período do dia, oferecendo comércios, bares e praças. O intenso movimento durante o dia segue um forte descaso durante a noite, pois a região não provê incentivos noturnos à população, criando um ambiente muitas vezes hostil, que causa a sensação de falta de segurança. Como forma de gerar uma cultura noturna no centro da cidade, o trabalho buscará encontrar formas de uso e programa variados em todos os períodos do dia, tornando a área mais segura para todos.

Analisando o mapa pode-se perceber muitos edifícios de serviços na área levantada, com maior predominância na área central e na Vila Falcão. Na região central o uso residencial é relativamente baixo, enquanto na Vila Falcão e Jardim Bela Vista, é predominante.

Figura 57 - Mapa de uso e ocupação do solo



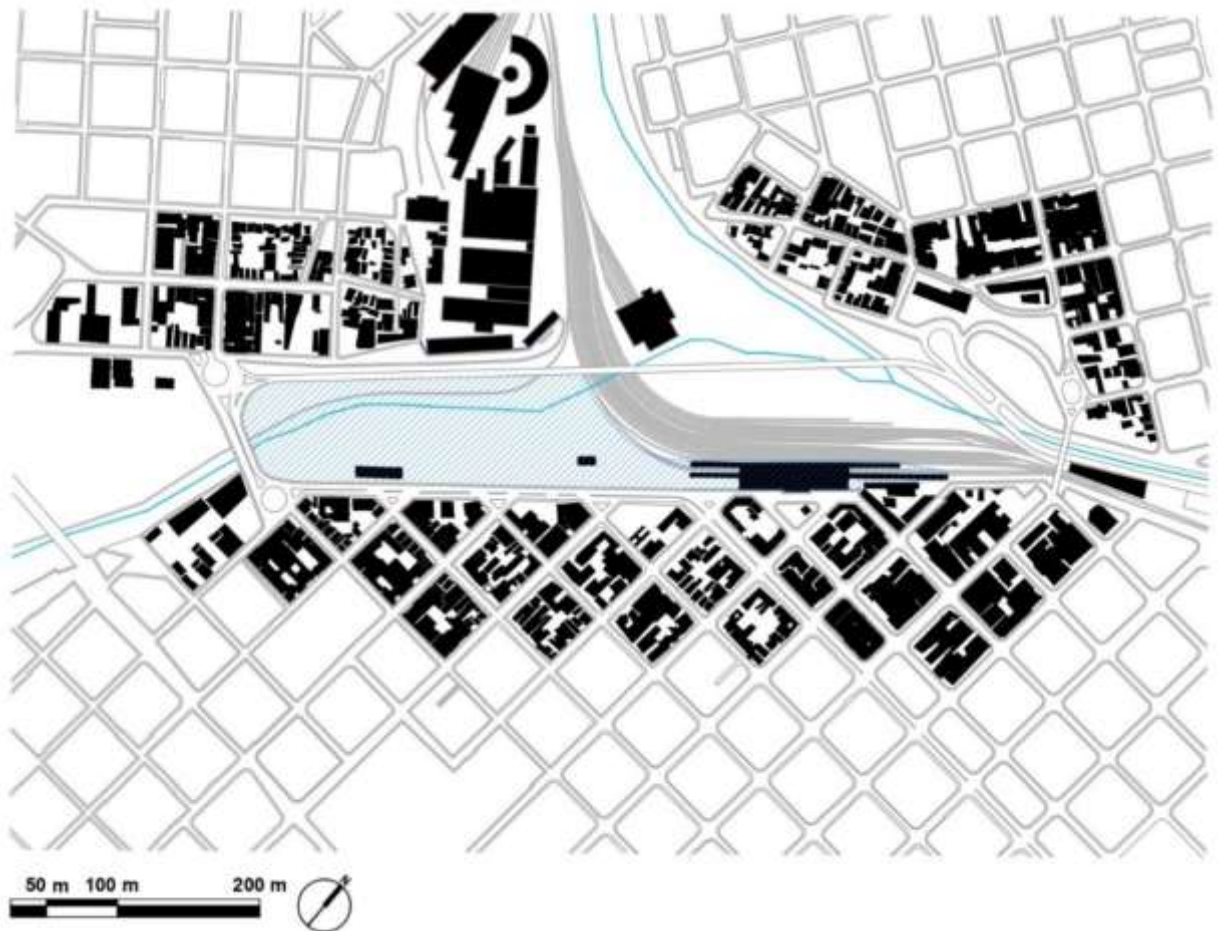
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

6.1.3 Análise de cheios e vazios

A área de análise encontra-se em um local consolidado na cidade, que possui poucas glebas vazias quando comparada com o restante do município, como pode-se ver na Figura 58. Na região central, os maiores locais de vazios urbanos se dão por conta de estacionamentos privados, enquanto que nos bairros da Vila Falcão e Jardim Bela Vista, os locais de vazios são em sua maioria por terrenos baldios.

A área de intervenção se caracteriza como uma grande área de vazio urbano, resultante da presença do fundo de vale, das linhas férreas e da topografia; divide os bairros já citados e aumenta a segregação entre bairros; o problema será suprimido pela implantação da proposta presente neste trabalho.

Figura 58 - Mapa de cheios e vazios



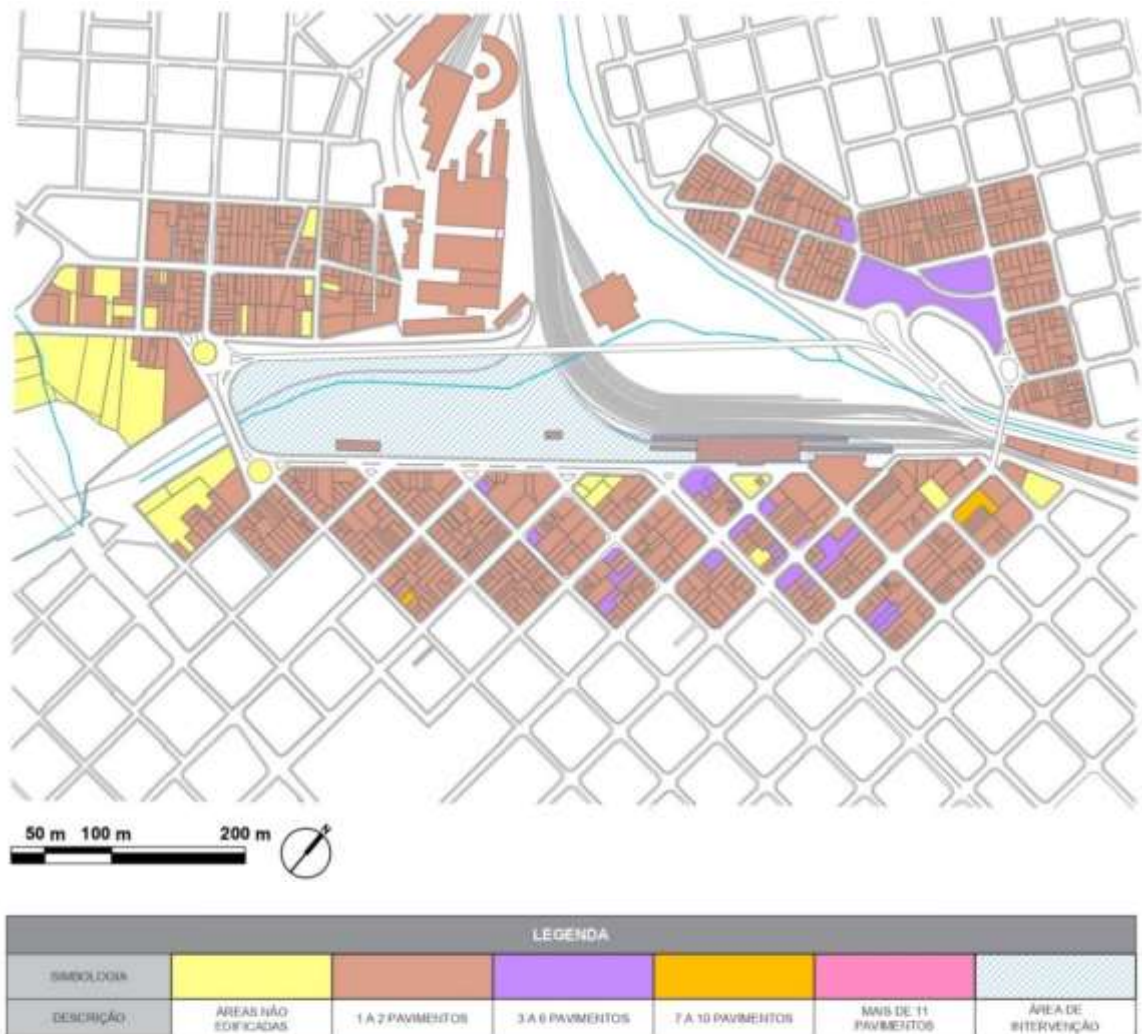
LEGENDA	
SIMBOLOGIA	DESCRIÇÃO
	CHEIOS
	VAZIOS
	ÁREA DE INTERVENÇÃO

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

6.1.4 Análise de gabarito urbano

Quanto ao gabarito urbano, podemos perceber que, apesar da área ser relativamente adensada, predominam edifícios de 1 a 2 pavimentos e áreas não edificadas, enquanto a maioria dos edifícios de 3 a 6 pavimentos estão na região central, que também concentra os únicos dois edifícios de 7 a 10 pavimentos (Figura 59).

Figura 59 - Mapa de gabarito urbano



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

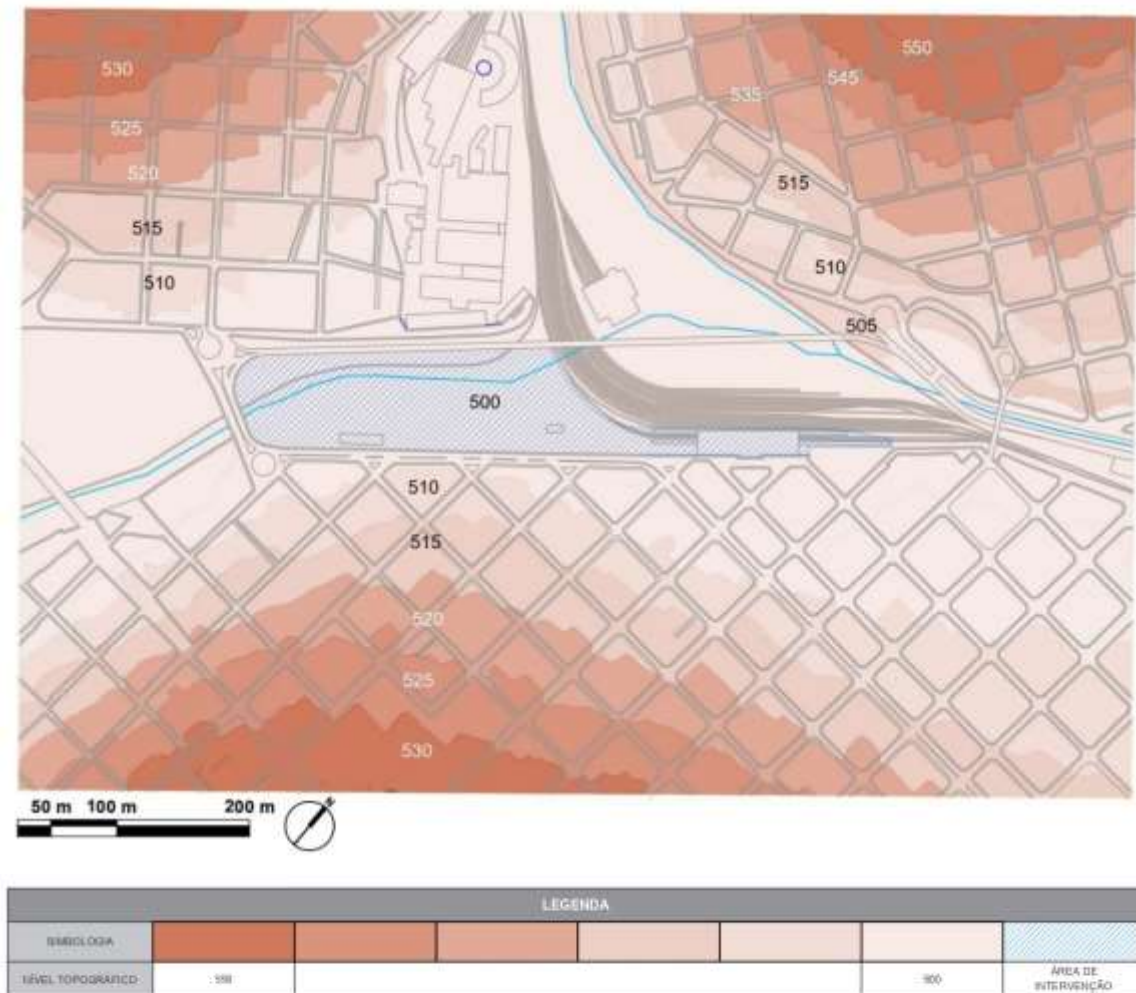
Com a implantação de um equipamento urbano de grande porte como proposto neste trabalho, a área adjacente naturalmente será mais adensada, diminuindo assim, o espraiamento na região e criando mais áreas verticalizadas no local. A mudança possibilitaria a um maior número de pessoas o uso da infraestrutura urbana já existente no local.

6.1.5 Análise de topografia

A topografia da área encontra seu maior nível na cota 550 no Jardim Bela Vista, enquanto a região central e Vila Falcão se encontram na cota 530. Ambos os bairros possuem declive para a área de intervenção, fato ligado à posição dos fundos de vale do Córrego da Grama e do Rio Bauru (Figura 60).

O local possui desnível atenuado em relação à dimensão da gleba, característica importante para a instalação das vias férreas.

Figura 60 - Mapa de topografia

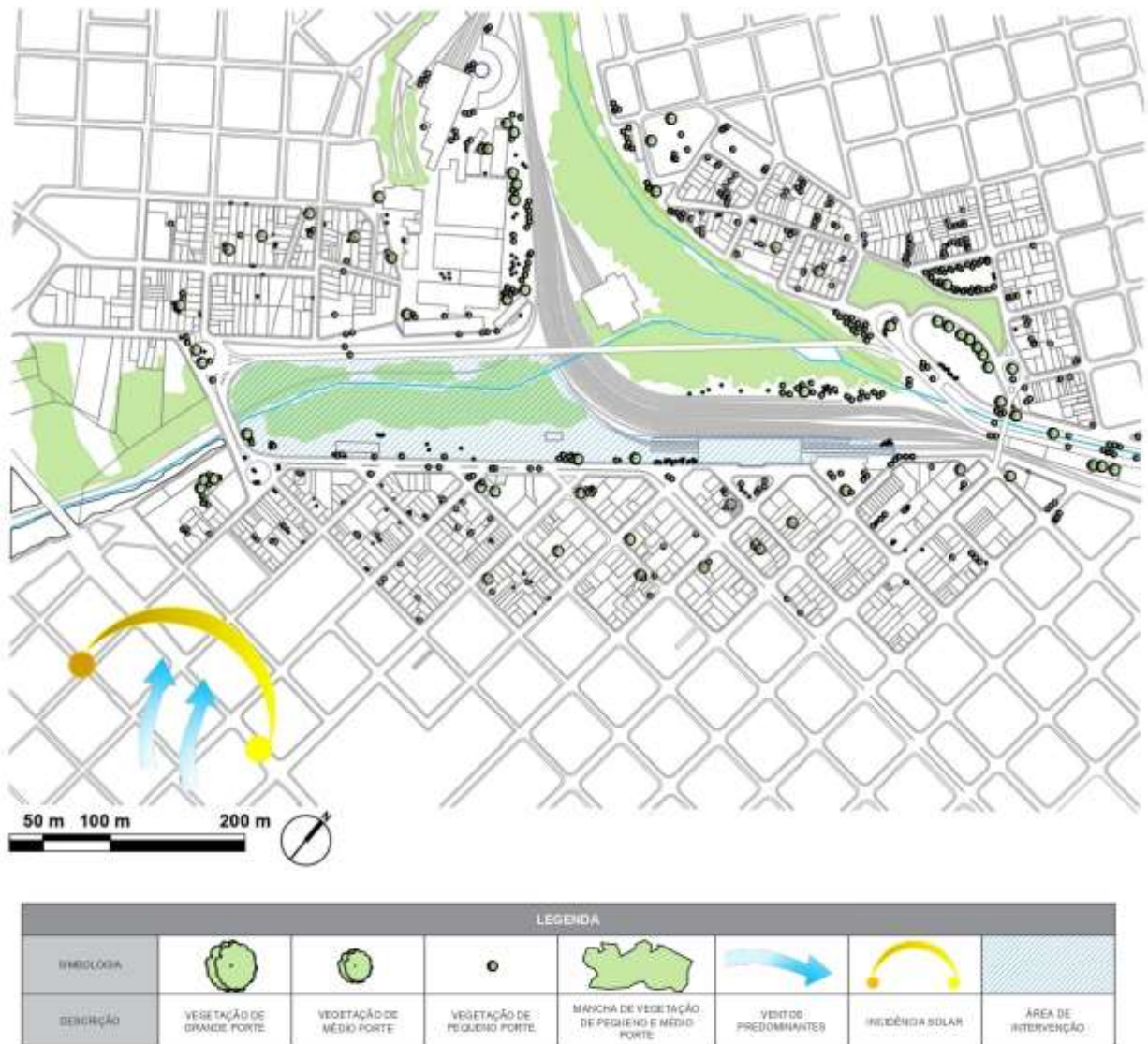


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

6.1.6 Análise de vegetação

Como pode-se ver na Figura 61, as maiores massas de vegetação encontram-se próximas ao Rio Bauru e ao Córrego da Grama configurando uma mata ciliar majoritariamente de uma espécie arbórea conhecida popularmente como Leucena, que possui nome científico de *Leucaena Leucocephala* (Figura 62).

Figura 61 - Mapa de vegetação



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 62 - Folhas e vagens da espécie invasora Leucena



Fonte: Compêndio online Gerson Luiz Lopes (c2013).

Segundo um estudo feito pela Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de Salto (2019), a espécie não traz nenhum benefício para área de plantio, sendo considerada por especialistas uma espécie extremamente danosa que desequilibra o ecossistema do local, absorvendo todos os nutrientes do solo, destruindo a vegetação próxima e impedindo o crescimento da flora local, criando o que é conhecido por “deserto verde”. Com um crescimento descontrolado, a espécie é extremamente rápida ao se reproduzir, pois seu banco de sementes se sustenta na terra até 10 anos, tornando de difícil o controle, pois a poda não soluciona o problema.

O aspecto aparentemente verde e saudável do “deserto verde” na mata ciliar do Rio Bauru cria uma falsa sensação na população leiga de que a área está sendo bem cuidada, quando na verdade o que está ocorrendo é o extremo oposto. A Prefeitura de Bauru, apesar de conhecer a situação catastrófica da disseminação descontrolada da espécie invasora nas matas ciliares, não parece se importar com o problema, pois segundo matéria publicada no site da Secretaria do Meio Ambiente, a SEMMA, a última tentativa de erradicar o problema com a plantação de espécies nativas foi há 8 anos atrás em 2014, sem sucesso.

O restante da área analisada, tanto na região central quanto nos bairros da Vila Falcão e Jardim Bela Vista, podemos notar que a região como um todo carece de

arborização urbana, pois as existentes não criam sombreamento suficiente nas ruas e contribui para a formação de ilhas de calor.

A Prefeitura Municipal de Bauru pela Lei 4.368/99 obriga o plantio de pelo menos 1 árvore na calçada de lotes públicos e privados de até 10 metros de face lindeira, sendo acrescido 1 árvore a cada 8 metros sobressalentes. Mesmo sob penalidade de infração da lei, a população não parece a levar a sério, tampouco o próprio órgão responsável pela vigilância e monitoramento parece se importar com a omissão dos proprietários de imóveis e da falta de sombreamento nas ruas da cidade.

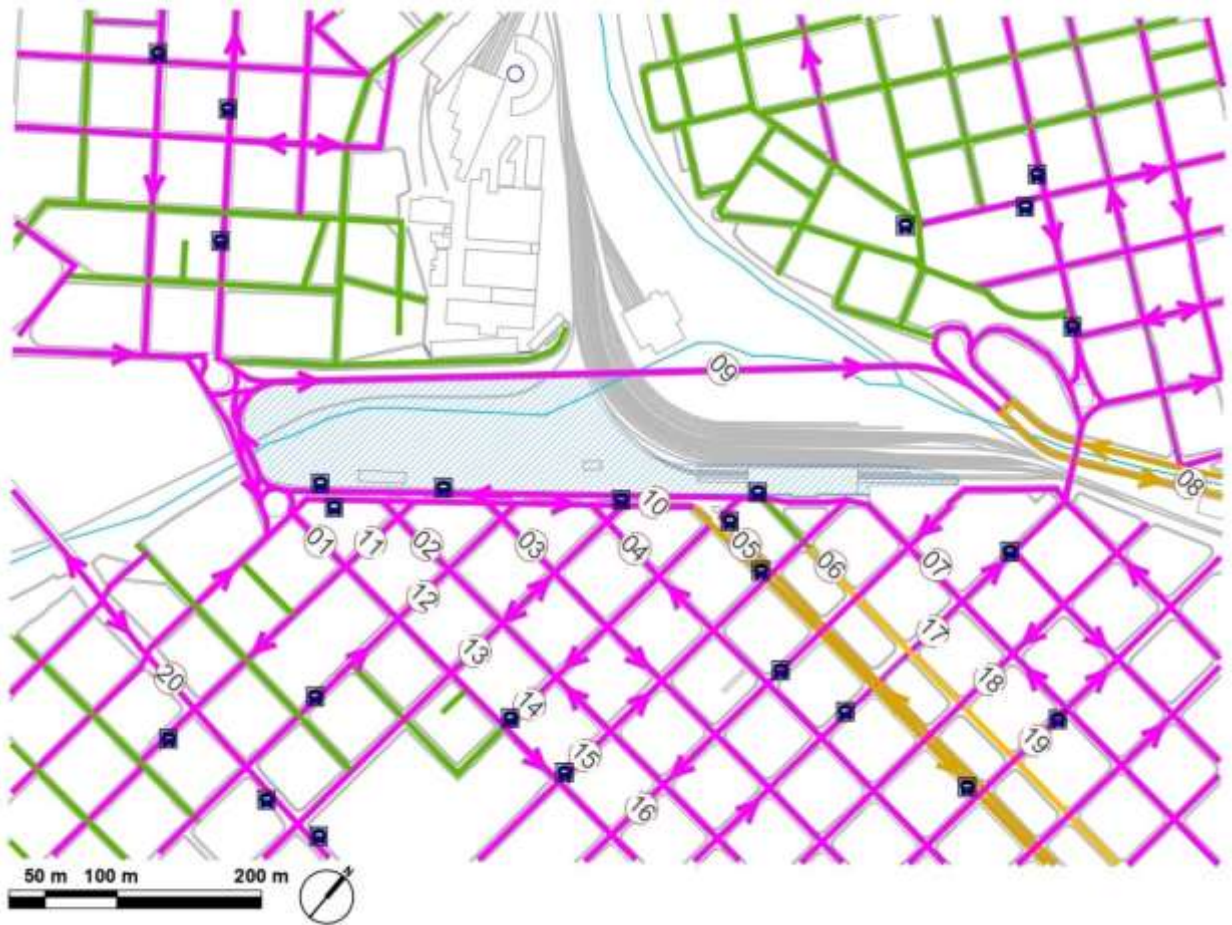
6.1.7 Análise de hierarquia de fluxos e acessos

As vias na região central são predominantemente coletoras, em sua maioria de mão única, com poucos casos de vias locais e apenas uma via pedonal: o Calçadão da Batista (Figura 63). Nos bairros, predomina-se as vias locais, com poucos exemplos de vias coletoras e nenhuma via exclusivamente pedonal.

O acesso viário principal à área de intervenção, é representado pela Avenida Pedro de Toledo e 5 ruas e avenidas muito conhecidas no município: a Rua Célio Dalbem, a Rua Quinze de Novembro, a Rua Sete de Setembro, a Rua Bandeirantes, e a Avenida Rodrigues Alves.

O acesso por usuários de transporte público se dá de forma bastante facilitada, seja pela Avenida Rodrigues Alves que possui uma grande concentração de pontos, ou até mesmo pela própria avenida da intervenção, que possui 6 pontos em sua extensão.

Figura 63 - Mapa de hierarquia de fluxos e acessos



LEGENDA	
SÍMBOLO/COI	DESCRIÇÃO
	VIA ARTERIAL
	VIA COLETORA
	VIA LOCAL
	VIA FEDERAL
	SENTEDO DA VIA
	PORTO DE ACESSO
	ÁREA DE ATERRIÇAGEM

LEGENDA							
SÍMBOLO/COI	DESCRIÇÃO	SÍMBOLO/COI	DESCRIÇÃO	SÍMBOLO/COI	DESCRIÇÃO	SÍMBOLO/COI	DESCRIÇÃO
01	RUA QUARZ DE NOVIEMBRO	06	RUA BATISTA DE CARVALHO	11	RUA PILOTAZES PEREIRA	16	RUA DOMINGOS PEREIRA
02	RUA SETE DE SETEMBRO	07	RUA PRIMEIRO DE AGOSTO	12	RUA QUINTO BOQUEVA	17	RUA JONÉ ABELLO
03	RUA CURRY JONKOR	08	AVENIDA ROARI DE ABBE	13	RUA RAIMUNDO REBELA	18	RUA ADRIANA LEITE
04	RUA BANDEIRANTES	09	WINDTO FALCÃO DELLA VISTA	14	RUA ALFREDO RUIZ	19	RUA URGELIO MALTA
05	AVENIDA RODRIGUES ALVES	10	AVENIDA PEDRO DE TOLEDO	15	RUA MONSIEHOF, CLAUDIO	20	RUA JONÉ ABELLO

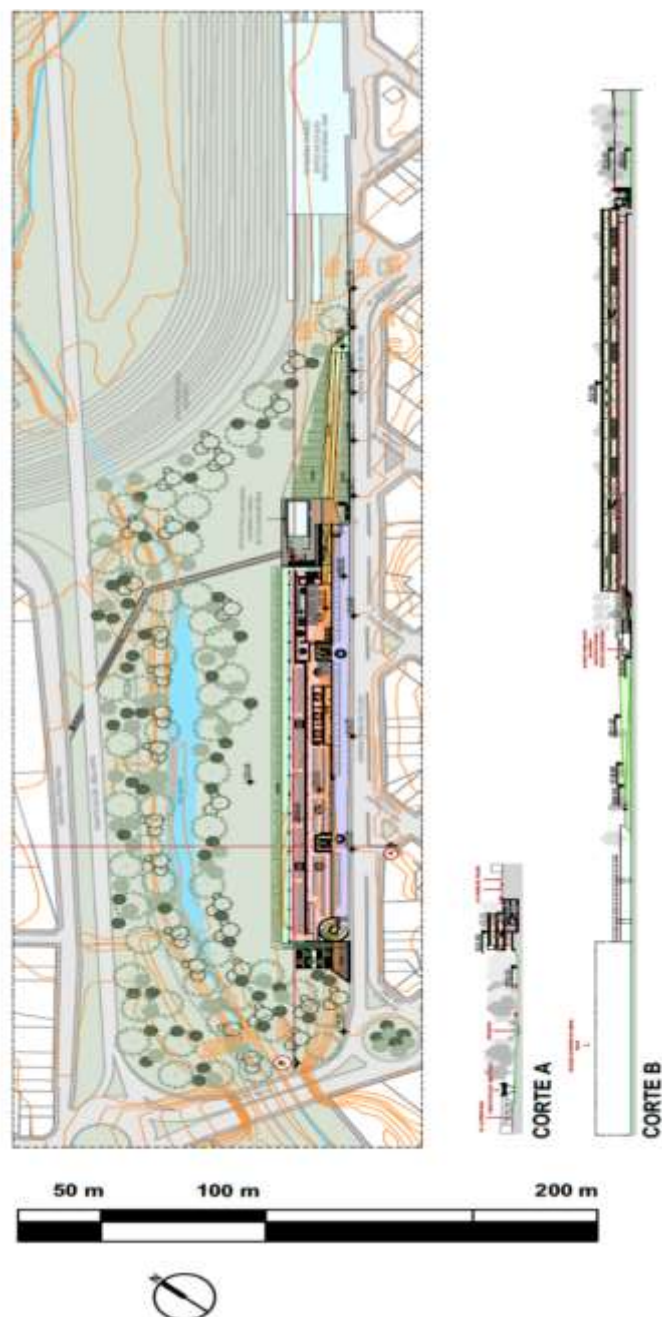
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

7 PROPOSTA PROJETUAL: MACROZONEAMENTO

A fim concluir o entendimento a respeito dos assuntos suscitados nesta pesquisa, é proposto a introdução do projeto de intervenção, o apresentando como proposta projetual de estudo preliminar.

7.1 IMPLANTAÇÃO DO MACROZONEAMENTO

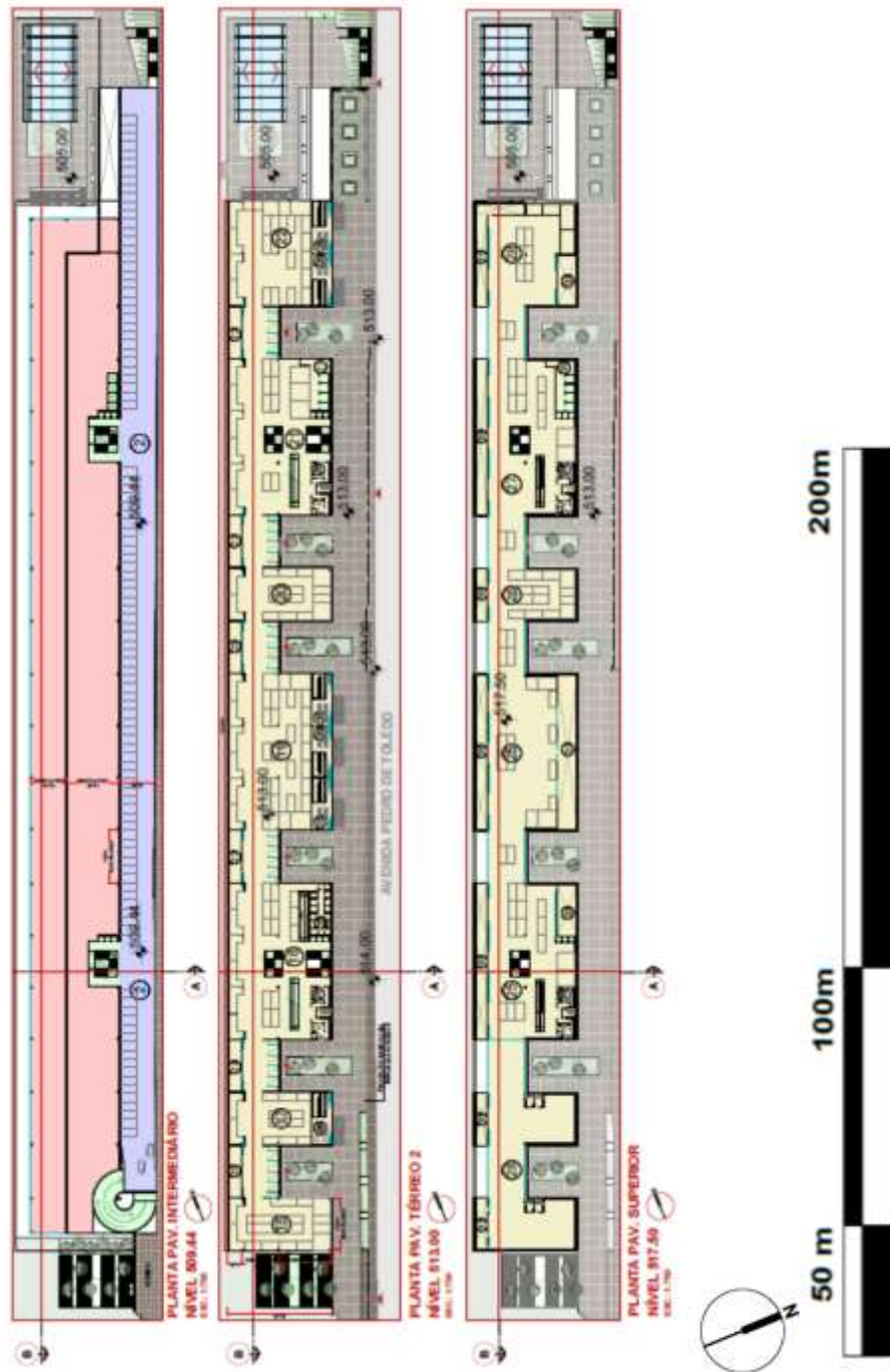
Figura 64 - Implantação e cortes



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).


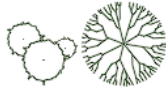






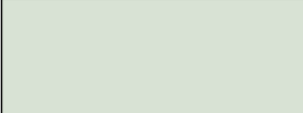

7.2 CORTES DO MACROZONEAMENTO

Figura 65 - Planta nível intermediário, nível térreo 2 e pav. superior



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 666 - Tabela de paisagismo e simbologia

TABELA DE VEGETAÇÃO E SIMBOLOGIA	
SIMBOLOGIA	SIGNIFICADO
	VEGETAÇÃO DE GRANDE PORTE
	VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE
	VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE
	ACESSOS PRINCIPAIS
	COTA DE NÍVEL
	OCUPAÇÃO IRREGULAR EXISTENTE
	MALHA FERROVIÁRIA
	PAVIMENTAÇÃO EM BLOCO DE CONCRETO, ASSENTAMENTO INTERTRAVADO
	FORRAÇÃO EM GRAMA ESMERALDA
	RIO BAURU

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 67 - Volumetria 1 do macrozoneamento



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 68 - Volumetria 2 do macrozoneamento



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 69 - Volumetria 3 do macrozoneamento



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

8 PROPOSTA PROJETUAL: ANTEPROJETO

Utilizando do entendimento formado a partir dos assuntos expostos neste trabalho e pelo repertório adquirido ao longo da graduação e das experiências profissionais, o anteprojeto expõe um estudo mais aprofundado da proposta apresentada no macrozoneamento.

8.1 CONCEITO E PARTIDO

O conceito e partido tem como objetivo guiar a proposta inicial de projeto com base nos temas abordados nesta pesquisa.

8.1.1 Conceito

Da fazenda à mesa: produção sustentável autossuficiente.

8.1.2 Partido

O projeto é composto de uma proposta de mercado municipal público integrado à uma fazenda urbana, que buscará suprir a demanda de alimentos do mercado em si e também da região, buscando ser uma alternativa sustentável ao método convencional de agricultura, pois suprime a necessidade de transporte dos campos até a cidade e diminui a perda dos alimentos decorrente deste processo. O mercado também terá disponibilidade de boxes para venda de produtos de produtores hortifrutigranjeiros e demais comerciantes locais, além possuir infraestrutura para realização de workshops para população afim de garantir uma aproximação dos métodos e técnicas da agricultura urbana.

Quanto aos patrimônios existentes, o projeto busca estabelecer uma conexão com o centro histórico da cidade, criando uma relação entre a Estação Sorocabana, que servirá como estufa comunitária gratuita e a Estação da NOB.

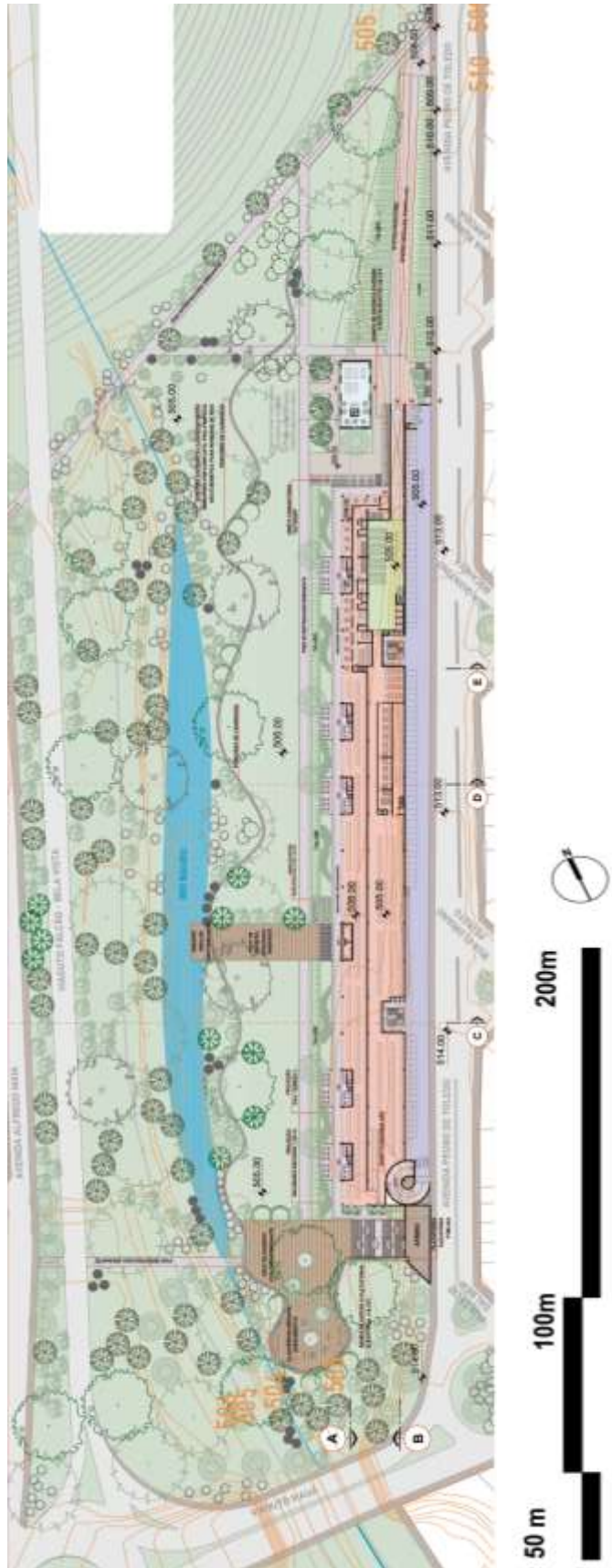
Sob a esfera social, o projeto devolve à população parte do que é o produzido pela fazenda urbana através de hortas e estufas comunitárias, além de desenvolver uma relação de tradição e identidade do local para com seus usuários, pelo resgate da cultura popular bauruense, que sofreu um êxodo em seu centro histórico através da fuga de lojas e restaurantes, devido à expansão de shopping centers e de grandes redes de supermercados.

Sob a esfera ambiental, a proposta permite a produção de energia através de placas fotovoltaicas em sua cobertura (havendo a possibilidade de utilização da sobra energética em outros edifícios públicos); permite também que ocorra uma espécie de cadeia de sustentabilidade, pois possui um centro de compostagem de grande capacidade, possibilitando que os descartes e sobras orgânicas diárias do mercado municipal sejam convertidas em adubo para a produção das hortaliças da fazenda urbana, que posteriormente poderão ser vendidas novamente no mercado.

8.2 IMPLANTAÇÃO

A implantação desenvolvida na fase de anteprojeto (Figura 70), demonstra a maneira como a proposta projetual se organizou em relação ao espaço existente e dialogou com seu entorno.

Figura 70 – Implantação geral e pav. térreo 1 do anteprojeto (sem escala)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Buscando tornar o espaço mais permeável e de forma que se integrasse à gleba pré-existente, o projeto foi trabalhado em dois níveis térreos, o nível térreo 2 que contempla a cota 513.00, e corresponde à Avenida Pedro de Toledo e à entrada do Mercado Municipal, e o nível térreo 1, que corresponde ao nível 505.00, que contempla o Parque Urbano.

O nível térreo 1 foi concebido pelo desnível natural do terreno em relação ao nível da rua existente, havendo uma movimentação de terra praticamente nula para se desenvolver a proposta. Neste nível foi trabalhado um amplo parque urbano com foco no Rio Bauru, que conta com um mirante de contemplação. O parque também favorece a edificação de valor histórico existente no local (Estação da Sorocabana). Para assegurar a permeabilidade do local, foi utilizado o recurso do piso drenante em todos os caminhos externos. Para conceber o Rio Bauru como foco do parque, foi realizado o alargamento de seu leito na seção em que se encontra a gleba.

8.2.1 Pavimento térreo 1, pavimento intermediário, pavimento térreo 2 e pavimento superior

Com as plantas dos pavimentos, é possível analisar como a proposta se desenvolveu (Figura 71).

O pavimento térreo 1 (níveis 505.00 e 508.00), se estabeleceu a Fazenda Urbana e um estacionamento que supre as necessidades do Mercado Municipal, além de também contemplar o edifício histórico da Estação Sorocabana, que foi recuperado com uma nova função, a de Estufa Comunitária. Externamente, no nível 508.00, encontra-se um *boulevard* de restaurantes, cafeterias, bares, sanitários e bistrôs, que dialogam com o Parque Urbano; as grandes vidraças da Fazenda para esse “percurso”, possuem a função de criar no usuário a sensação de pertencimento com o que é produzido no local e de despertar curiosidade e interesse acerca da prática da agricultura urbana.

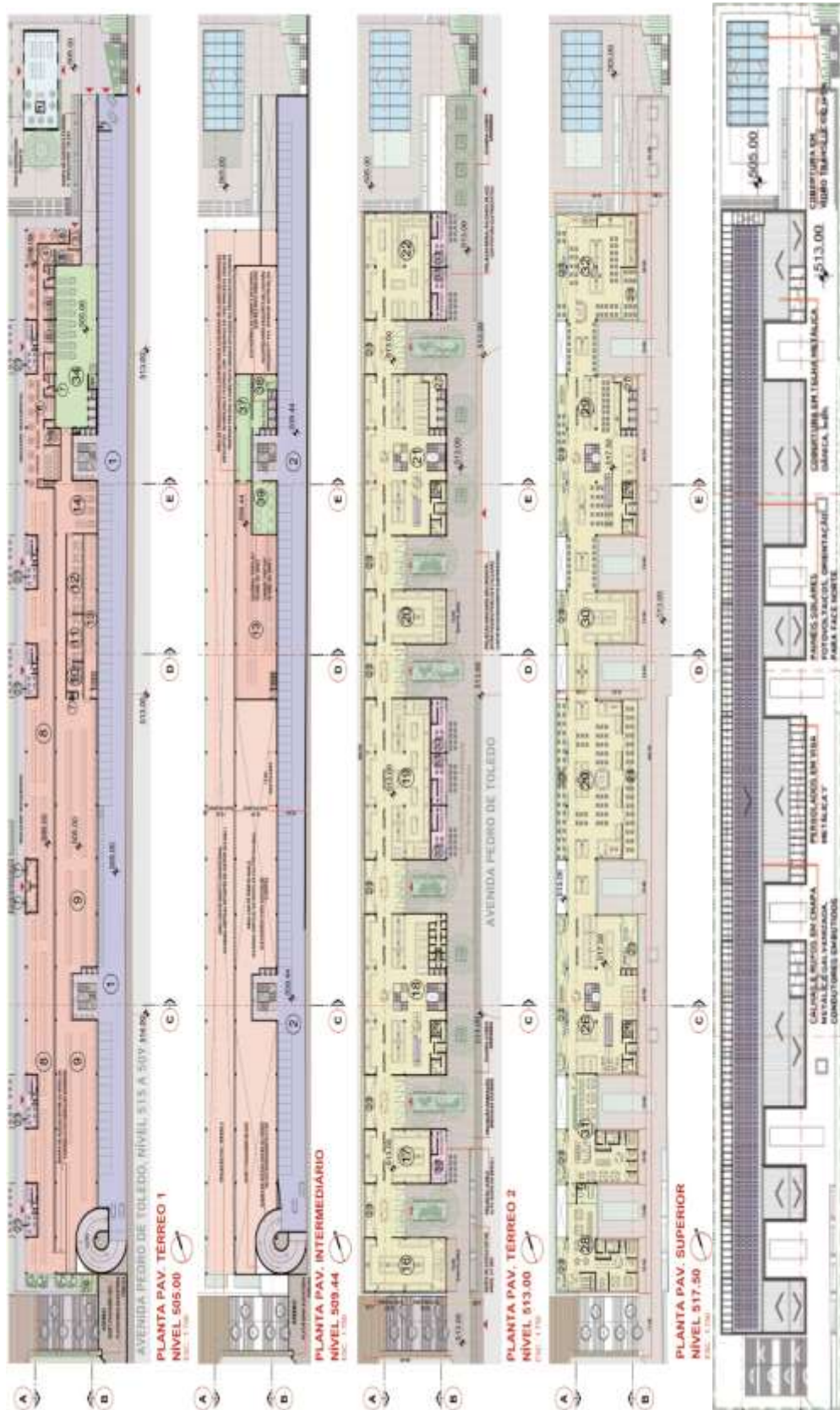
O pavimento intermediário (nível 509.44) funciona como pavimento superior para o estacionamento (que encontra-se abaixo do calçadão do pavimento 513.00), além de abrigar algumas áreas técnicas como: centro de compostagem (no qual os restos orgânicos descartados pelos vendedores e produtores do Mercado Municipal se tornam adubo para a produção do hortifrutí da Fazenda Urbana); abrigo das caixas

d'água e cisternas, que funcionam através de bombeamento mecânico; depósito de lixos não-orgânicos.

O pavimento térreo 2 (nível 513.00) é o pavimento que se encontra a existente Avenida Pedro de Toledo, e abriga as entradas pedonais para o Mercado Municipal. Este pavimento abriga, internamente: o primeiro pavimento para o Mercado Municipal, que contempla os principais boxes de venda hortifrutigranjeiros, além de açougues, peixarias e outros, conforme contemplado no programa de necessidades (Figura 73). Externamente, o pavimento exerce a função de calçada, que interliga o Mercado e os restaurantes externos com a Avenida Pedro de Toledo, além de servir como local para feira livre semanal, buscando oferecer espaço para mais produtores além dos que possuem boxes fixos no interior do Mercado).

O pavimento superior (nível 517.50) é responsável, majoritariamente, por praças de alimentação, convivência, *coworking* e pelo setor administrativo do Mercado.

Figura 71 – Plantas do pavimento térreo 1, pavimento intermediário, pavimento térreo 2 pavimento superior e cobertura (sem escala)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

8.2.2 Paisagismo

Através dos estudos provenientes deste trabalho, constatou-se que a maioria da mata ciliar do leito do Rio Bauru é da espécie *Leucena*, que é extremamente danosa para o local, agindo como uma “praga”. Desta forma, a espécie deve ser completamente removida do leito. A Figura 72 demonstra as espécies de vegetação inseridas no paisagismo da implantação.

Figura 72 – Espécies de vegetação trabalhadas na implantação

TABELA DE ESPÉCIES - PAISAGISMO		
VEGETAÇÃO DE GRANDE PORTE		
ESPÉCIE (NOME POPULAR NOME CIENTÍFICO)	DIMENSÕES (h = ALTURA / d = DIÂMETRO)	REPRESENTAÇÃO
Magnólia-branca <i>Magnolia grandiflora</i>	h = 10 - 20m / d = 10 - 30m	
Caneta-lauro <i>Nectandra megastomica</i>	h = 15 - 25m / d = 10m	
Elaeagnus <i>Elaeagnus ptelephoroides</i>	h = 8-14m / d = 20m	
VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE		
Orquí <i>Tibouchina granulosa</i>	h = 8 - 12m / d = 8m	
Pau-ferro <i>Cassipouira bicolor</i>	h = 12 - 20m / d = 12m	
Manacá da Serra <i>Tibouchina mutabilis</i>	h = 12m / d = 8m	
Figueira-Lira <i>Ficus lyrata</i>	h = 12 - 15m / d = 10m	
Cereja-da-mata <i>Eugenia involucrata</i> (Frutíferas)	h = 12m / d = 7m	
VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE		
Marahau <i>Trichilia cathartica</i>	h = 4 - 6m / d = 4m	
Pata de Yaca <i>Bauhinia variegata</i>	h = 5m / d = 4m	
Fandolobos <i>Erythrina speciosa</i>	h = 4 - 6m / d = 5m	
Capim-deo-gambos <i>Cortaderia selloana</i>	h = 1 - 2m / d = 3m	
VEGETAÇÃO BASTEIRA		
Gasimó <i>Philodendron bipinnatifidum</i>	h = 0 - 1m	

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

8.2.3 Programa de necessidades

O programa de necessidades (Figura 73) expõe detalhadamente todas as atividades e ambientes distribuídos entre os pavimentos da proposta, acompanhado de suas respectivas metragens quadradas, além de demonstrar os acessos adotados.

Figura 73 – Programa de necessidades

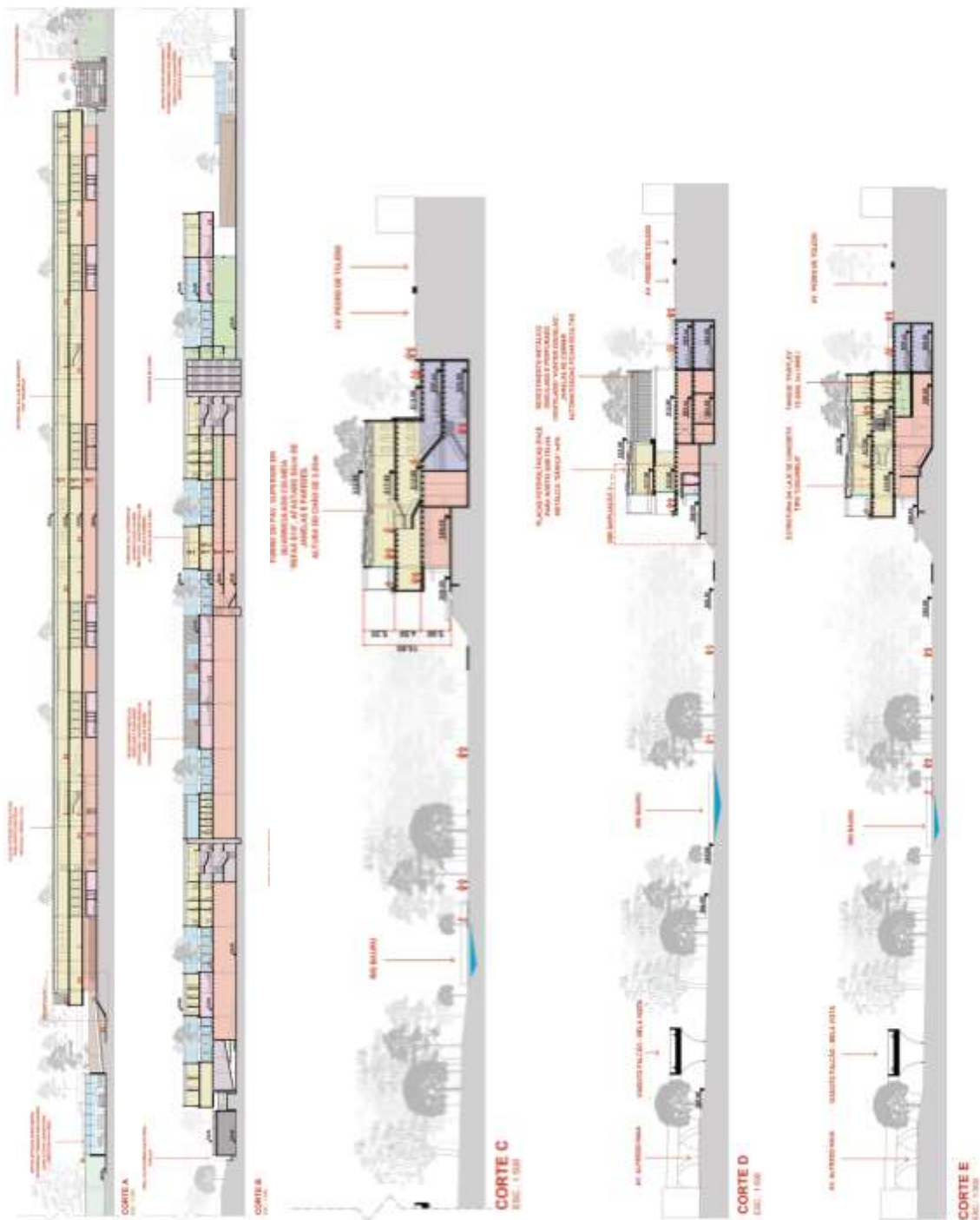
TABELA PROGRAMA DE NECESSIDADES						
COR	USO SERIAL	NÚMERO	AMBIENTES	ÁREA	SOMATÓRIA	ÁREA TOTAL
	ESTACIONAMENTO	1	ESTACIONAMENTO INTERNO (84 VAGAS DE CARRO, 48 VAGAS MOTO, 34 VAGAS BICICLETA) - NÍVEL S05.00	3.293,54 m ²	271 VAGAS 6.673,61 m ²	6.745,44 m ²
		2	ESTACIONAMENTO INTERNO (104 VAGAS CARRO) - NÍVEL S09.00	3.248,05 m ²		
FAZENDA URBANA		3	RECEPÇÃO - NÍVEL S08.00	22,45 m ²		
		4	CAFF E DECOMPRESSÃO - NÍVEL S08.00	35,50 m ²		
		5	WORKSHOPS E TREATAMENTO - NÍVEL S08.00	109,25 m ²		
		6	SETOR ADMINISTRATIVO FAZENDA - NÍVEL S08.00	104,00 m ²		
		7	WCs E VESTIÁRIOS - NÍVEL S08.00 E S05.00	170,00 m ²		
		8	ÁREA DE CULTIVO - ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL E NATURAL - NÍVEL S08.00	2.248,00 m ²		
		9	ÁREA DE CULTIVO COM ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL - NÍVEL S05.00	2.199,00 m ²		
		10	ÁREA DE LIMPEZA E SELETA - NÍVEL S08.00	86,75 m ²		
		11	ÁREA DE PREPARAÇÃO DE PRODUTOS - NÍVEL S05.00	79,85 m ²		
		12	EMBALAGEM E CRECAÇÃO - NÍVEL S05.00	101,35 m ²		
		13	ESTORIL - NÍVEL S05.00 E S04.99	1.010,00 m ²		
		14	ESTACIONAMENTO INTERNO DE VEÍCULOS DE PRODUÇÃO - USO FAZENDA URBANA - NÍVEL S08.00	154,26 m ²		
		15	COZINHA E REFEITÓRIO FUNCIONÁRIOS - NÍVEL S08.00	17,40 m ²		
MERCADO MUNICIPAL PÚBLICO		16	FEIÇÃO E FRUTOS DO MAR - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	539,17 m ²	13.492,24 m ²	
		17	LATICÍNIOS E EMBRUTECOS - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	425,43 m ²		
		18	ACORQUES - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	1.104,24 m ²		
		19	LEGUMES E VEGETAIS - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	1.250,52 m ²		
		20	TEMPEROS E ERVAS - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	425,43 m ²		
		21	FRUTAS - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	1.104,24 m ²		
		22	VINHO, FACHAÇAS E BEBIDAS NO GERAL - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	811,05 m ²		
		23	VARIADAS DESCORRIDAS - PAVIMENTO TERREO 2 E PAV. SUPERIOR - NÍVEL S13.00 E S17.00	548,00 m ²		
		24	FRIGORÍFICOS ALIADOS (13 UNID.) - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	98,42 m ²		
		25	BANHEIROS E FALDADO - PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S13.00	107,55 m ²		
		26	VESTIÁRIOS - PAVIMENTO SUPERIOR - NÍVEL S17.00	933,00 m ²		
		27	ÁREA DE CARGA E DESCARGA DE MERCADORIAS - PAVIMENTO TERREO 2 E PAV. SUPERIOR - NÍVEL S13.00 E S17.00	94,97 m ²		
		28	SETOR ADMINISTRATIVO E LOGÍSTICA MERCADO - PAVIMENTO SUPERIOR - NÍVEL S17.00	1.158,47 m ²		
		29	RESTAURANTES E PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO - PAVIMENTO SUPERIOR - NÍVEL S17.00	2.238,95 m ²		
		30	TABACARIAS - PAVIMENTO SUPERIOR - NÍVEL S17.00	104,00 m ²		
		31	EDIFÍCIO - PAVIMENTO SUPERIOR - NÍVEL S17.00	1.871,17 m ²		
		32	BARES - PAVIMENTO SUPERIOR - NÍVEL S17.00	743,67 m ²		
		RESTAURANTES (ACESSO EXTERNO)	33	LANCHONETES, CAFETERIA, SOUVETERIAS E BARES - PAVIMENTO TERREO 1 E PAVIMENTO TERREO 2 - NÍVEL S08.00 E S13.00 (CALÇADÃO E BOULEVARD)		810,00 m ²
ÁREAS TÉCNICAS		34	PÁTIO DE CARGA E DESCARGA - USO FAZENDA URBANA E MERCADO MUNICIPAL - PAVIMENTO TERREO 1 - NÍVEL S05.00	448,00 m ²	1.999,95 m ²	
		35	ÁREA DE SERVIÇO - PAVIMENTO TERREO 1 - NÍVEL S05.00	4,50 m ²		
		36	ADUÍDO DE GÁS - PAVIMENTO TERREO 1 - NÍVEL S08.00	38,00 m ²		
		37	ÁREA DE COMPOSTAGEM (LIXO URBANO) DO MERCADO SE TORNA ADUÍDO PARA A FAZENDA URBANA) - PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO - NÍVEL S09.00	180,00 m ²		
		38	ÁREA DE RECABOTE DE LIXO - PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO - NÍVEL S09.00	102,00 m ²		
		39	CASA D'ÁGUA E COBERTA - PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO - NÍVEL S09.00	135,00 m ²		
ACESSOS - ELEVADORES DE USUÁRIOS, ELEVADORES DE CARGA, RAMPAS PEDONAIS E VIÁRIS, CIRCULAÇÕES, ESCADAS CONVENCIONAIS E ESCADAS ROLANTES (SEM DISTINÇÃO DE PAVIMENTOS E USOS)						
PATRIMÔNIO EXISTENTE ESTAÇÃO SOROCABANA CONVERTIDO EM ESTÍFIA COMUNITÁRIA E ESTAÇÃO NOROESTE DO BRASIL (MANTIDO)						

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

8.3 CORTES E DETALHAMENTO

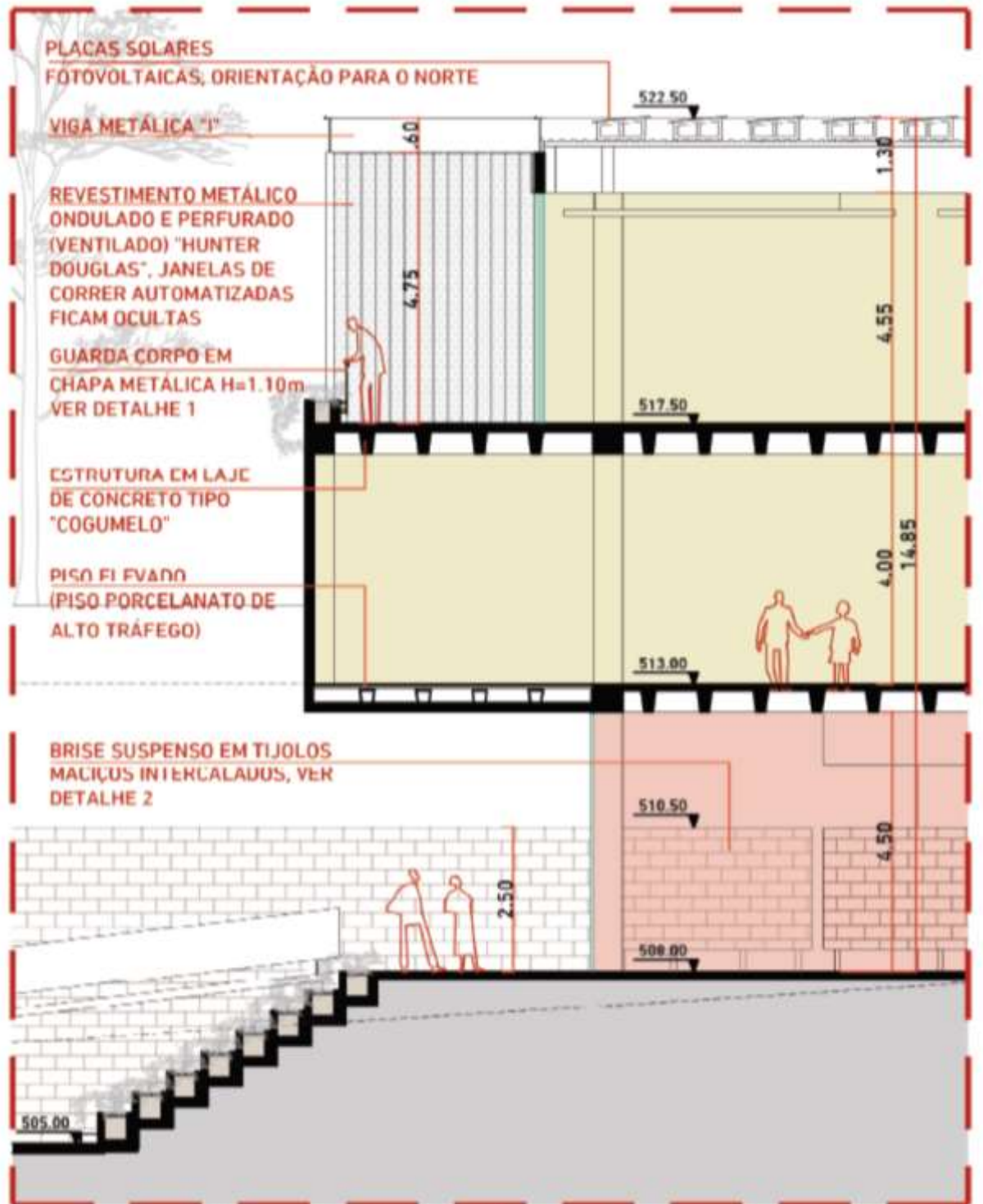
Neste tópico são apresentados os cinco cortes (Figura 74), sendo dois longitudinais e três transversais, além de duas ampliações (Figuras 75 e 76) em maior escala e três detalhes arquitetônicos (Figura 77)

Figura 74 - Cortes A, B, C, D e E (sem escala)



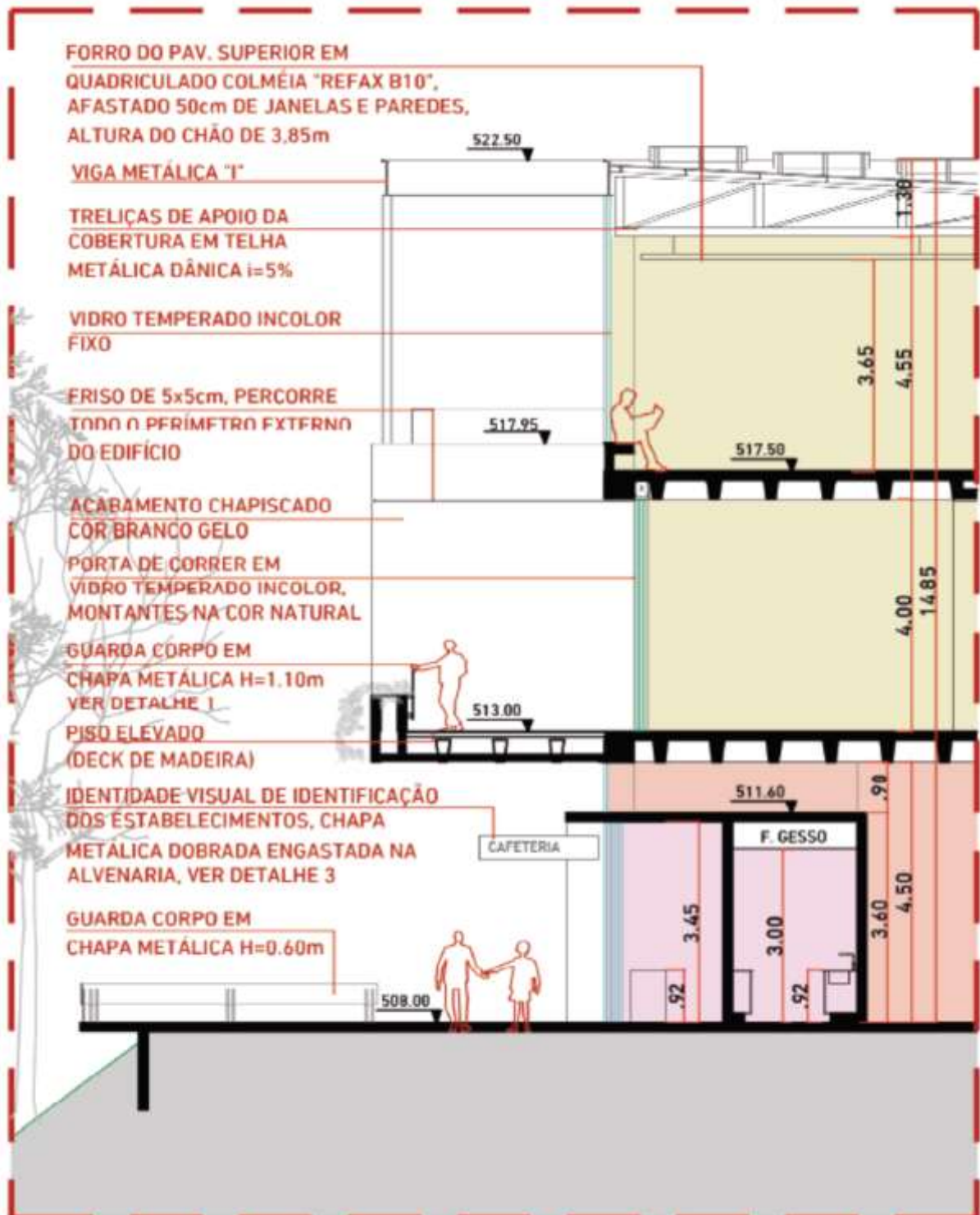
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 75 – Ampliação do corte A (sem escala)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 76 – Ampliação do corte D (sem escala)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O detalhe 1 demonstra como é feita a fixação do guarda-corpo das varandas, o detalhe 2 representa a solução para entrada de iluminação natural nas circulações da

Fazenda Urbana; o detalhe 3 expõe como é feita a fixação da identidade visual dos restaurantes do boulevard, no nível 508.00, conforme Figura 77.

Figura 77 – Detalhes 1, 2 e 3 (sem escala)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

8.4 VOLUMETRIA

Como forma de apresentar a visualização do produto final da etapa de anteprojeto, foi elaborada a volumetria 3D da proposta (Figuras 78 a 89).

Figura 78 – Vista do Mercado Municipal subindo a Avenida Pedro de Toledo (nível 513.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 79 – Vista do Mercado Municipal da Avenida Pedro de Toledo (nível 513.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 80 – Vista do mercado municipal sentido NOB (nível 513.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 81 – Vista 1 do calçadão do Mercado Municipal (nível 513.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 82 – Vista 2 do calçadão do Mercado Municipal (nível 513.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 83 – Vista de uma das entradas para o Mercado Municipal (nível 513.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 84 – Vista da Fazenda Urbana e Estufa Comunitária (nível 505.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 85 – Vista da Fazenda Urbana e Horta Comunitária



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 86 – Vista da Fazenda Urbana pelo Parque Urbano anexo (nível 505.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 87 – Vista do “Boulevard” de restaurantes, sorveterias, bares e restaurantes do Parque Urbano (nível 508.00)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 88 – Vista do deck de contemplação do Rio Bauru



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 89 – Vista do Parque Urbano para a Fazenda Urbana e Mercado Municipal



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto busca como solução reaproximar os habitantes da cidade ao seu centro histórico, com um sistema de comércio descentralizado e com maior contato com o produtor, oferecendo uma alternativa aos monopólios das grandes redes de supermercado, gerando preços finais mais competitivos e criando espaço para os pequenos e médios produtores locais. Sendo assim, o projeto busca também oferecer uma solução à problemática do abandono do patrimônio ferroviário e segregação do fundo de vale.

A pesquisa de revisão de literatura, de projetos correlatos e visitas técnicas foram cruciais para fundamentar os conhecimentos para a realização deste trabalho, que resultaram na proposta do Mercado municipal e fazenda urbana de Bauru.

REFERÊNCIAS

AEROFARMS. **AeroFarms to Become Publicly Traded Company through Combination with Spring Valley Acquisition Corp.** 2021. Disponível em: <https://www.aerofarms.com/2021/04/18/aerofarms-to-become-publicly-traded-company-through-combination-with-spring-valley-acquisition-corp/>. Acesso em: 7 maio 2022.

ANDREWS, Kate. **Pasona Urban Farm by Kono Designs.** Dezeen, 2013. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2013/09/12/pasona-urban-farm-by-kono-designs/>. Acesso em: 02 abr. 2022.

Anteprojeto para o Mercado Municipal de Bauru. **Revista Acrópole**, São Paulo, n. 263, p. 316, set. 1960. Disponível em <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/263>. Acesso em 10 abr. 2022.

BARBOSA, Morganna Batista de Figueiredo. **Reinventar o espaço urbano: mercado público do Benfica.** 2016. 96 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://issuu.com/morgannabatista/docs/caderno_final_issuu_r01. Acesso em: 7 maio. 2022.

BAURU, Prefeitura municipal de. **Conheça a cidade**, [2021?]. Disponível em <https://www2.bauru.sp.gov.br/bauru.aspx?m=2>. Acesso em 02 abr. 2022.
BAURU, Prefeitura municipal de. **Plano Diretor Participativo Bauru de Todos**, Bauru, 2008. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1G2uJvyfZ2LsJRjVhG6jnaUITpq0-tSqK/view>. Acessado em: 6 abr. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.
BAURU, Prefeitura municipal de. **Bauru realiza até oito feiras diariamente em diversas regiões da cidade**, 2022. Disponível em <https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=40007>. Acesso em 10 abr. 2022

BAURU, Prefeitura municipal de. **SEMMA revitaliza as margens do Rio Bauru, em comemoração ao Dia da Água**, 2014. Disponível em <https://www2.bauru.sp.gov.br/Materia.aspx?n=15154>. Acesso em 26 abr. 2022

BARBOSA, Valter Luís. **A EXPANSÃO URBANA EM ÁREAS DE FUNDO DE VALE NA CIDADE DE BAURU-SP.** 2006. 254 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2006.

BIERNATH, Karla Garcia. **VILAS FERROVIÁRIAS EM BAURU: a essência de uma cidade.** 2010. 107 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2010.

BLOG PONTE DE LIMA. **Mercado Municipal de Ponte de Lima**. 2012. Disponível em: <http://pontelima.blogspot.com/2012/07/mercado-municipal-de-ponte-de-lima.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL, Estações Ferroviárias do. **Cia. Paulista de Estradas de Ferro (1910-1971) FEPASA (1971-1998)**. 2018. Elaborado por Ralph Mennucci Giesbrecht. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/bauru-cp.htm>. Acesso em: 9 abr. 2022

BRASIL, Estações Ferroviárias do. **E. F. Noroeste do Brasil (1906-1975) RFFSA (1975-1996)**. 2021. Elaborado por Ralph Mennucci Giesbrecht. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/bauru.htm>. Acesso em: 9 abr. 2022.

CAVASSAN, Osmar. **Bauru: Terra de cerrado ou floresta?**. Ciência Geográfica, Bauru, v.17, n. 1, p. 46-54, jan./dez. 2013.

CAMARGO, José Eduardo. **Begreen**: conceito de fazenda urbana ganha impulso em belo horizonte. 2017. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/begreen-conceito-de-fazenda-urbana-ganha-impulso-em-belo-horizonte/#fechar>. Acesso em: 7 maio 2022.

CASTILHO, Ana Luisa Howard de; VARGAS, Heliana Comin. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. [S.L.]: Editora Manole, 2006. 280 p.

CBN CAMPINAS. **Com 113 anos, Mercado Municipal de Campinas está entre os mais importantes do país**. 2021. Disponível em: <https://portalcbncampinas.com.br/2021/10/com-113-anos-mercado-municipal-de-campinas-esta-entre-os-mais-reconhecidos-do-pais/>. Acesso em: 17 maio 2022.

CODEPAC. Prefeitura de Bauru. **Estação Ferroviária da Companhia Paulista**. 2019. Disponível em: http://hotsite.bauru.sp.gov.br/codepac/bem_detalhes.aspx?id=15. Acesso em: 9 abr. 2022.

DRIVENXDESIGN. Tainan Market, Disponível em: <https://drivenxdesign.com/hkg19/project.asp?ID=19251>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FONTES, Maria Solange Gurgel de Castro; GHIRARDELLO, Nilson (org.). **Olhares sobre Bauru**. Bauru, São Paulo: Canal 6, 2008. 204 p.

FREIRE, A. L. O desenvolvimento do comércio e a produção do espaço urbano. **GeoTextos**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2011. DOI: 10.9771/1984-5537geo.v6i2.4829. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4829>. Acesso em: 1 maio. 2022

FREIRE, A. L. O. Mercados públicos: de equipamentos de abastecimento de alimentos a espaços gastronômicos para o turismo. **Geografares**, [S. l.], n. 25, p. 176–198, 2018. DOI: 10.7147/GEO25.17856. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/17856>. Acesso em: 7 maio. 2022.

GHIRARDELLO, Nilson. **À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 235p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/z3>. Acesso em 22 mar. 2022.

GONÇALVES, Carolina Caracciolo. **Comprar e conviver: os mercados públicos como espaços de troca na cidade contemporânea**. 2017. 139 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. Disponível em: https://issuu.com/carolinagoncalves/docs/tfg_carolinacaracciologoncalves. Acesso em: 22 mar. 2022.

GONÇALVES, Néilson. Fim do esgoto em rios de Bauru a partir de julho. **JCNET**. Bauru, São Paulo. 19 mar. 2017. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2017/03/495172-fim-do-esgoto-em-rios-de-bauru-a-partir-de-julho.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

GUEDES CRUZ ARQUITECTOS. **Mercado Municipal Ponte de Lima**. Archdaily, 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/601468/mercado-municipal-ponte-de-lima-slash-guedes-cruz-arquitectos>. Acesso em: 22 mar. 2022.

GUEDES CRUZ ARQUITECTOS. **Ponte de Lima Municipal Market**. Disponível em: <https://guedescruzarquitectos.squarespace.com/#/ponte-de-lima-municipal-market/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

HENRIQUE, Lucas Rafael Bortolotto. **NEW GREEN, NEW DENSITY, SUSTAINABLE CITY: AGRICULTURA E HABITAÇÃO VERTICAL NO EIXO FERROVIÁRIO CENTRAL DE BAURU**. 2019. 138 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru, São Paulo, 2019.

IBGE. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2021**, 2021. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 02 abr. 2022.

IBGE. **Mapa político do estado de São Paulo**, 2015. Escala 1:850.000. Projeção policônica. Datum horizontal: sirgas2000. Disponível em <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa775>. Acesso em: 2 abr. 2022

IBGE. **População residente, total e respectiva distribuição percentual, por situação do domicílio e sexo, e razão de sexo, segundo os municípios e as classes de tamanho da população dos municípios**, 2010. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9758&t=resultados>. Acesso em: 2 abr. 2022.

IBGE. **População residente, total e respectiva distribuição percentual, por situação do domicílio e grupos de idade, segundo os municípios e as classes de tamanho da população dos municípios**, 2010. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9758&t=resultados>. Acesso em: 2 abr. 2022.

IBGE. **Valor médio e mediano do rendimento mensal total nominal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares permanentes, por sexo, e razão entre valor médio e mediano do rendimento mensal total nominal de homens e mulheres, segundo os municípios e classes de tamanho da população dos municípios**, 2010. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9758&t=resultados>. Acesso em: 02 abr. 2022.

JANOT, Luiz Fernando. **Gentrification ou gentrificação? Um problema em qualquer língua**. Drops, São Paulo, ano 14, n. 076.01, Vitruvius, jan. 2014 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.076/5005>>.

LIMA, Fábio do Nascimento; PACENTCHUK, Fabiano; SANDINI, Itacir Eloi. Fazendas urbanas: novo negócio surge nas cidades. **Campos & Negócios**: Online, [S.L.], 10 mar. 2019. Disponível em: <https://revistacampoenegocios.com.br/fazendas-urbanas-novo-negocio-surge-nas-cidades/>. Acesso em: 7 maio 2022.

LOSNAK, Célio José. **TERRITORIALIDADES DO OESTE DE SÃO PAULO: transformações e interpretações**. São Paulo: História, 2017, v. 36, e13, p.1-31. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-436920170000000013>. Acesso em 2 abr. 2022.

LOSNAK, Célio José. **Polifonia Urbana**: imagens e representações. Bauru, São Paulo: História, 2004. 286 p.

LOPES, Gerson Luiz; JULKOWSKI, Evandro. **Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit Árvore-do-conflito, deserto verde**, 2013. Disponível em: <https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/12375-2/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

LOPES, R. F.; VASCONCELLOS, L. M. D. **Considerações sobre os Mercados Públicos**: relação desociabilidade e vitalidade urbana nas cidades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRECÔMERCIO E CIDADE, Nº 3, 2010, Rio de Janeiro, 2010. [s.n.]. 1-16.

LUCENA, Leandro Pessoa de. Fazendas Urbanas I: alternativas a segurança alimentar. **Editora Prismas Agro**, [S.L.], 1 jun. 2016. Editora Prismas Agro. <http://dx.doi.org/10.29327/53946>.

MARTINS, Daniel Patrick. **Fazendas urbanas transformam a alimentação nas cidades**. 2021. Disponível em: <https://www.whow.com.br/fazendas-urbanas/>. Acesso em: 7 maio. 2022.

MURILHA, Douglas; SALGADO, Ivone. **A arquitetura dos mercados públicos. Tipos, modelos e referências projetuais**. Arqtextos, São Paulo, ano 12, n. 138.02, Vitruvius, nov. 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/12.138/4113>. Acesso em: 1 maio. 2022.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. conceito e procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 9, n. 2, 1 ago. 2009. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2009.9102>. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>. Acesso em: 7 maio. 2022.

NIALL WALSH. **Edifício-paisagem**: mercado de alimentos do mvrDV começa a ser construído em Taiwan. Archdaily, 2019. Traduzido por Lis Moreira Cavalcante. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/912898/edificio-paisagem-mercado-de-alimentos-do-mvrDV-comeca-a-ser-construido-em-taiwan>. Acesso em: 22 mar. 2022.

NÚMERO de universitários em Bauru cresce 22% em 7 anos. **JCNET**, 26 jul. 2019. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2019/07/559615-numero-de-universitarios-em-bauru-cresce-22--em-7-anos.html>. Acesso em: 2 abr. 2022.

Oliveira, Francisco de. **Aproximações ao enigma**: o que quer dizer desenvolvimento local? São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 40p, 2001.

PRAÇA, **Famalicão. A nossa história**. Disponível em: <https://www.pracafamalicao.pt/historia/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

PINTAUDI, S.M. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. **Revista Cidades**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, v.3, n.5, 2006. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=lpQNg9QAAAAJ&citation_for_view=lpQNg9QAAAAJ:2osOgNQ5qMEC. Acesso em: 1 maio. 2022.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana**. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 45, p. 411-422, set./ dez. 2005.

RIBEIRO, Rui Mendes. **Projeto de Reabilitação do Mercado Municipal de Vila Nova de Famalicão**. Archdaily, 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/968456/projeto-de-reabilitacao-do-mercado-municipal-de-vila-nova-de-famalicao-rui-mendes-ribeiro>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ROMANO, Roberta Giraldi; CARVALHO, Andréa Freire de; SOUSA, Roberta Maria de Moura; SOARES, Maria José Nascimento. Mercados municipais: olhares sobre cultura e territorialidade em diferentes regiões do Brasil. **Gaia Scientia**, [S. l.], v. 14, n. 4, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1981-1268.2020v14n4.52758. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/52758>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SALTO, Prefeitura Municipal de. Secretaria do Meio Ambiente. **AS ÁRVORES DA ESPÉCIE LEUCENA NÃO TRAZEM BENEFÍCIOS AO MEIO AMBIENTE**. 2019. Disponível em: <https://salto.sp.gov.br/as-arvores-da-especie-leucena-nao-trazem-beneficios-ao-meio-ambiente/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SANTANA, R. Bauru: Uma Cidade sem “Mercadão”. **JCNET**, Bauru, p. 04-05, 25 mar. 2013. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2013/03/372012-bauru--uma-cidade-sem--mercadao.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos; BITTENCOURT, Lúcio Nagib; SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos. Revitalização urbana: consensos e conflitos no centro histórico de Santos vistos a partir da mídia local. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, [S.L.], v. 12, n. 50, p. 63-91, 1 jan. 2007. Fundação Getúlio Vargas. <http://dx.doi.org/10.12660/cgpc.v12n50.44074>. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/fernando_burgos_pimentel_dos_santos_revitalizaacao_urbana.pdf. Acesso em: 11 maio. 2022.

Saudades do Rio. **Mercado da candelária**. 2020. Disponível em: <https://saudadesdoriodoluizd.blogspot.com/2020/05/mercado-da-candelaria.html>. Acesso em: 2 maio. 2021.

SEADE. Governo do Estado de São Paulo. **Bauru: os números que falam por si**. 2019. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/bauru-os-numeros-que-falam-por-si/>. Acesso em: 7 abr. 2022.

SILVA, Diego Vernille da. **Mercados Públicos em São Paulo**: arquitetura, inserção urbana e contemporaneidade. 2017. 331 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-22062017-144146/publico/DiegoVernilledaSilva_corrigida.pdf/. Acesso em: 1 maio. 2022.

SILVA, Marcone José da. **Fazenda urbana vertical**. 2021. 148 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, 2021. Cap. 4. Disponível em: https://issuu.com/marconejosearquiteto/docs/caderno_final_tcc_ii_marcone_jose_da_silva_rgm_1. Acesso em: 2 abr. 2022.

SOBRINHO, Tayná Ribeiro. **REINVENTANDO O MERCADO DE SANTANA**: projeto arquitetônico para a feira do produtor. 2018. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

SOUZA, C. AS FEIRAS LIVRES COMO LUGARES DE PRODUÇÃO COTIDIANA DE SABERES DO TRABALHO E EDUCAÇÃO POPULAR NAS CIDADES: ALGUNS HORIZONTES TEÓRICOS E ANALÍTICOS NO CAMPO TRABALHO-EDUCAÇÃO. **Revista Trabalho Necessário**, v. 13, n. 22, 20 dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/9597>. Acesso em: 6 maio. 2022.

UNIVERSITÁRIOS mobilizam e aquecem mercado imobiliário no interior de SP. **G1**, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/mercado-imobiliario-do-interior/noticia/2022/02/08/universitarios-mobilizam-e-aquecem-mercado-imobiliario-no-interior-de-sp.ghtml>. Acesso em: 2 abr. 2022.